



# WICKED LOVELY

*Tatuagem*



melissa marr

*Tradução de Sónia Maia*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina

*Para todos os que já estiveram no fundo do abismo  
e encontraram (ou estão a encontrar) uma forma de  
retornar à terra firme — vocês são a prova de que aquilo  
que parece impossível pode acontecer.*

*E para A.S., que partilhou as suas trevas comigo — espero  
que tenhas encontrado o que precisavas.*

## ❧ Agradecimentos ❧

No ano passado, *Wicked Lovely [Amores Rebeldes]* (o meu primeiro livro) passou da fase de revisão à presença nas livrarias — e *Ink Exchange [Tatuagem]* passou da concepção à conclusão. Foi um processo intimidante, mas o encorajamento caloroso que recebi tornou-o possível. A todos na HarperCollins US e na HarperCollins UK; aos meus editores no estrangeiro (em especial à Franziska da Carlsen, na Alemanha); aos bibliotecários, livreiros, leitores, pais, jornalistas, professores e aos membros do clube de fãs (particularmente à Maria); à minha espantosa gestora financeira, Peggy Hileman; e a todos aqueles incontáveis que conheci na Internet e em pessoa: sinto-me honrada pela vossa simpatia e apoio. Obrigada a todos.

Um agradecimento especial à Clare Dunkle, que me tocou o coração, primeiro com os seus romances e depois, no ano passado, com a sua sabedoria. Foi um privilégio.

A minha agente, Rachel Vater, faz o caos parecer organizado. Seja por me censurares, por me acompanhares nas minhas deambulações ou por me mostrares esses dentes lindos, estou-te para sempre grata.

Os meus dois entusiásticos revisores, Anne Hoppe e Nick Lake, continuam a superar as expectativas. As vossas sugestões inspiradas, notas e horas de conversa tornaram o texto mais claro e aproximaram-no dos ideais que me esforço por alcançar.

Kelsey Defatte leu as primeiras versões deste manuscrito. Craig Thrush leu as minhas cenas de conflito na íntegra. Estou em dívida para com ambos. E devo muitíssimo à Jeaniene Frost pelas horas de troca de ideias, cartas de revisão a rivalizar com as cartas dos editores e tantas observações geradoras de revelações. Obrigada, J.

O meu artista de tatuagens, Paul Roe, leu as sequências relativas a tatuagens e respondeu a inúmeras questões sobre as minudências dessa arte e da sua história. Por isso, por ter ornamentado a minha pele e por tudo o resto, foste-me imprescindível.

Algumas pessoas excepcionais deram-me o seu afecto ao longo de anos de caos e tranquilidade — Dawn Kobel, Carly Chandler, Kelly Kincy, Rachael Morgan, Craig Thrush e, acima de tudo, Cheryl e Dave Lafferty. Obrigada por me manterem firme. Não é possível expressar por palavras o quanto significam para mim.

Nada disto teria qualquer relevância se não fossem as pessoas que enriquecem todas as vertentes da minha vida — os meus pais, filhos e marido. Não tenho a menor dúvida de que apenas existo porque estão a meu lado.

*Junho de 2007*

## PRÓLOGO

### OUTONO

**J**rial contemplou a rapariga que subia a rua: via nela um feixe de terror e fúria. Deixou-se ficar nas sombras da viela, do lado de fora do salão de tatuagens, mas não desviou o olhar dela enquanto acabava o cigarro.

Avançou precisamente quando ela ia a passar.

A pulsação da rapariga acelerou-se-lhe sob a pele quando o viu. Endireitou os ombros — sem fugir nem recuar, destemida apesar das trevas que se lhe colavam — e fez um gesto na direcção do braço dele, onde o seu nome e linhagem estavam impressos numa inscrição em Ogam<sup>1</sup> rodeada de espirais e nós que formavam cães estilizados.

— Isso está lindo. Foi o Rabbit que fez?

Ele assentiu com a cabeça e percorreu a pouca distância que ainda o separava do salão de tatuagens. A rapariga acompanhou-o.

— Estou a pensar fazer uma em breve. Só ainda não sei o que escolher — assumiu um ar de desafio ao dizer isto. Como ele não respondeu, acrescentou: — Sou a Leslie.

---

<sup>1</sup> Antigo alfabeto Celta — *N. da T.*

— Irial — ele apercebeu-se do esforço vão da rapariga para encontrar mais palavras, para o fazer interessar-se nela. Via-se que ansiava desesperadamente por alguma coisa. Se, para ele, os mortais fossem brinquedos, poderia divertir-se bastante com ela, mas estava ali por um motivo sério e não para coleccionar bugigangas, por isso manteve-se calado ao abrir a porta da Pins and Needles para a deixar passar.

Dentro da loja de tatuagens, Leslie afastou-se para falar com uma rapariga de cabelos escuros que os observava com ar pensativo. Havia outras raparigas na loja, mas só a dos cabelos negros interessava. Tendo sido ele a lançar a maldição que oprimira o Verão há tantos séculos atrás, Irial sabia exactamente quem ela era: a Rainha do Verão extraviada, o problema. Ela viria mudar tudo.

*E em breve.*

Irial sentira-o assim que Keenan a escolhera e lhe roubara a mortalidade. Fora por isso que Irial viera ter com Rabbit: as mudanças estavam iminentes. Agora que o Rei do Verão ficaria livre das amarras — e com poder para se vingar daqueles que o haviam tolhido — era possível, pela primeira vez em séculos, que viesse a ocorrer uma verdadeira guerra. Infelizmente, a instalação de uma ordem excessiva era também uma possibilidade.

— Tens um minuto, Rabbit? — perguntou Irial, mas era mais uma formalidade do que uma pergunta. Rabbit podia não ser totalmente feérico, mas não recusaria um pedido do soberano da Corte das Trevas, nem agora, nem nunca.

— Vem até às traseiras — convidou Rabbit.

De passagem, Irial passou as mãos por sobre uma das vitrinas de jóias com caixilhos em aço, bem consciente de que as atenções de Leslie ainda estavam concentradas nele. Fechou a porta e estendeu a Rabbit os frasquinhos de vidro fumado — sangue e lágrimas da Corte das Trevas.

— Preciso que a partilha de tatuagens tenha lugar mais cedo do que tínhamos planeado. Estamos a ficar sem tempo.

— As fadas podem — Rabbit interrompeu-se e corrigiu a frase — isto pode matá-las, e os mortais não estão a recuperar bem.

— Então arranja maneira de fazer com que funcione. *Já* — Irial esboçou um sorriso, suavizando a expressão como raramente fazia com as fadas das Trevas.

Depois, tornou-se invisível e seguiu Rabbit de volta à divisão principal da loja. Uma curiosidade mórbida fê-lo deter-se ao lado de Leslie. Já não estava ali mais ninguém, mas ela continuava a fixar a imagem na parede, a qual ficava muito aquém do que o Rabbit lhe poderia desenhar na pele, se lhe fosse dada oportunidade.

— Sonha comigo, Leslie — sussurrou Irial, deixando que as suas asas se enrolassem à volta dos dois, envolvendo-os. Talvez a rapariga se tornasse suficientemente forte para suportar uma partilha de tatuagens com uma das fadas escolhidas. Se assim não fosse, ele poderia sempre oferecê-la a uma das fadas mais fracas. Seria uma pena desperdiçar um brinquedo estragado tão bonito.







## CAPÍTULO 1

INÍCIO DO ANO SEGUINTE

Leslie vestiu o uniforme da escola e arranjou-se o mais depressa que pôde. Fechou a porta do quarto com cuidado, sem fazer barulho para conseguir sair de casa antes de o pai acordar. Estar reformado não era bom para ele. Dantes, era um bom pai — antes de a Mãe ter partido, antes de se ter afogado no álcool, antes de ter começado a dar escapadelas a Atlantic City e sabe-se lá onde mais.

Dirigiu-se à cozinha, onde encontrou o irmão, Ren, sentado à mesa, de cachimbo na mão. Vestindo apenas um par de calças de ganga coçadas, com o cabelo louro solto à volta do rosto, parecia relaxado e amigável. Às vezes, conseguia mesmo sê-lo.

Ren levantou os olhos e fez-lhe um sorriso de querubim.

— Queres uma passa?

Leslie abanou a cabeça e abriu o guarda-louça, à procura de uma chávena razoavelmente limpa. *Nem uma*. Tirou uma lata de refrigerante da gaveta da carne do frigorífico. Depois de o Ren ter dopado uma garrafa — tendo-a, assim, dopado também — aprendera a só beber de recipientes selados.

Ren observava-a, satisfeito na sua nuvem química, sorrindo de uma



forma perversamente angélica. Quando estava amistoso e se limitava a fumar erva, era um dia bom. O Ren-pedrado-com-erva não era um problema: a erva só o amolecia. O que era imprevisível era o Ren-pedrado-com-outra-coisa-qualquer.

— Há ali cereais, se quiseres tomar o pequeno-almoço — apontou para um saco de flocos de cereais quase vazio que estava sobre o balcão.

— Obrigada — Leslie pegou em alguns e abriu o congelador para ir buscar as *waffles* de torrar que escondera. Tinham desaparecido. Abriu o guarda-louça e tirou de lá uma caixa do único tipo de cereais que o irmão não comia — *muesli*. Sabiam mal, mas ele não surripiava nada que fosse saudável, por isso ela empanturrava-se daquilo.

Serviu-se dos seus cereais.

— Já não há leite — disse Ren entre dentes, de olhos fechados.

Com um leve suspiro, Leslie sentou-se com a sua taça de *muesli* seco. *Nada de brigas. Nada de problemas.* Estar em casa fazia-a sentir-se a andar no arame, sempre à espera que uma lufada de vento a atirasse ao chão.

Um odor intenso a erva pairava na cozinha. Leslie ainda se lembrava dos tempos em que, ao acordar, lhe cheirava a ovos com bacon, em que o Pai fazia café fresco, em que tudo era normal. Há mais de um ano que não era assim.

Ren deixou cair os pés nus sobre a mesa da cozinha. Estava coberta de tralha — circulares informativas, contas para pagar, pratos sujos e uma garrafa de *bourbon* quase vazia.

Enquanto comia, Leslie abriu as contas mais importantes — a da electricidade e a da água. Verificou, com alívio, que o Pai até tinha pago as duas antes do prazo. Era o que ele fazia quando tinha uma vaga de sorte no jogo ou quando passava alguns dias sóbrio: adiantava o pagamento das contas mais relevantes para não ter de lidar com esse problema mais tarde. Não ajudava grande coisa nas contas da mercearia ou da televisão por cabo, que já estava outra vez em atraso, mas, na maioria dos casos, ela conseguia cobrir essas despesas quando era preciso.

*Mas não desta vez.* Finalmente, decidira realizar o seu projecto de fazer uma tatuagem. Há muito que queria uma, mas não se sentia preparada. Nos últimos meses, ficara quase obcecada com aquilo. Esperar não era a solução, já não era. Aquela ideia ocupava-lhe os pensamentos com demasiada frequência — marcar o seu corpo, reclamá-lo como seu, um passo que precisava de dar para se sentir completa de novo.

*Agora só tenho de encontrar a imagem certa.*

Com um sorriso que pretendia parecer amigável, perguntou a Ren:

— Tens algum dinheiro para a televisão por cabo?



Ele encolheu os ombros.

— Talvez. O que ganho com isso?

— Não estou a negociar. Só quero saber se, este mês, podes pagar a televisão.

Ren deu uma longa passa no cachimbo e expeliu-lhe o fumo para a cara.

— Se vais armar-te em esquisita, não. Tenho despesas. Se não podes fazer um favor a um tipo de vez em quando, ser simpática para os meus amigos — voltou a encolher os ombros —, então paga tu.

— Sabes que mais? Eu não preciso de televisão por cabo — Leslie dirigiu-se ao caixote do lixo e atirou a conta lá para dentro, lutando contra a náusea que lhe subira pela garganta ao ouvir a menção a *ser simpática* com os amigos dele, desejando que alguém da sua família se importasse com o que lhe acontecia.

*Se a Mãe não se tivesse ido embora...*

Mas tinha. Partira e deixara Leslie para trás, entregue ao irmão e ao pai.

— Vai ser melhor assim, querida — dissera. Mas não era. Leslie não sabia bem se queria voltar a falar com a mãe — não que isso tivesse qualquer importância. A mãe não lhe deixara qualquer contacto.

Leslie abanou a cabeça. Pensar naquilo não a ajudaria a lidar com a realidade actual. Tentou passar por Ren, mas este levantou-se e deu-lhe um abraço. Ela ficou rígida nos braços dele.

— O que é? Estás outra vez com o período? — riu-se, divertido com a sua piada grosseira, divertido com a irritação dela.

— Deixa lá, Ren. Esquece que eu...

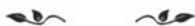
— Eu pago a conta. Tem calma — libertou-a e, assim que deixou cair os braços, ela afastou-se, esperando não ter ficado a cheirar muito a erva e a tabaco. Às vezes, suspeitava que o Padre Meyers tinha a perfeita noção de como as coisas tinham mudado para ela, mas ainda não queria entrar na escola a tresandar.

Arvorou o seu sorriso postiço e murmurou:

— Obrigada, Ren.

— Eu trato do assunto. Mas lembra-te disso da próxima vez que eu precisar que saias comigo. És um bom investimento quando preciso de fazer boa figura.

Leslie não respondeu. Não havia resposta possível. Se dissesse que não, ele portar-se-ia como um cretino, mas não ia dizer que sim. Depois do que os amigos drogados dele lhe tinham feito — *do que ele os deixara fazerem-lhe* —, nunca mais se aproximaria deles.



Em vez de retomar essa discussão, foi tirar a conta do caixote do lixo.  
— Obrigada por tratares disto.

Estendeu-lha. Naquele momento, não importava que ele o fizesse ou não: ela não podia pagar a conta da televisão e fazer uma tatuagem e, na verdade, não via assim tanta televisão que justificasse ser ela a pagar a conta. Na maior parte das vezes, pagava-a porque tinha vergonha de que alguém viesse a descobrir que a sua família *não podia* pagar uma conta, como se manter a aparência de normalidade durante o máximo de tempo possível pudesse trazer a normalidade de volta. Assim, evitava ter de enfrentar os olhares de pena e os falatórios que se tornariam inevitáveis se toda a gente soubesse como o Pai se tornara inútil desde que a Mãe partira, se soubessem o quão baixo o irmão descera.

No Outono, estaria na faculdade, livre de tudo isto, livre deles. *Faria tal como a Mãe — fugiria.* Às vezes, perguntava-se se a mãe teria fugido de algo que não queria que ela soubesse. Se assim fosse, a partida da mãe faria mais sentido — mas o facto de a ter deixado para trás faria menos sentido. *Não interessa.* Leslie já se candidatara às faculdades que preferia e a uma série de bolsas de estudo. *É isso que interessa — arranjar um plano e sair daqui.* No ano seguinte, estaria a salvo, numa nova cidade, levando uma nova vida.

Mas isso não impedia que uma vaga de terror a invadisse ao ver Ren erguer o *bourbon* num brinde silencioso.

Sem mais uma palavra, pegou na mala.

— Vemo-nos mais tarde, mana — gritou Ren, antes de se concentrar em encher de novo o cachimbo.

*Não. Não vemos.*

Quando Leslie subiu os degraus do Liceu Bishop O'Connell, já enterrara os seus medos bem no fundo do baú onde pertenciam. Aprendera a detectar os sinais de perigo — os telefonemas tensos que significavam que o Ren se tinha metido outra vez em confusões, os estranhos lá em casa. Se houvesse demasiados sinais de perigo, tomava precauções suplementares. Punha cadeados na porta do seu quarto. Não bebia de garrafas abertas. Os seus cuidados não desfaziam aquilo que se passava, mas ajudavam a evitar o que poderia ainda passar-se.

— Leslie! Espera aí — gritou Aislinn, por detrás dela.

Leslie parou e esperou, compondo o rosto de forma a parecer doce e calmo, não que isso fizesse alguma diferença: ultimamente, Aislinn andava perdida no seu próprio mundo. Há alguns meses, começara a andar



com o apetitoso Seth. De qualquer maneira, já eram quase namorados antes disso, portanto não era de admirar. O que era estranho era que, ao mesmo tempo, Aislinn desenvolvera uma relação muito intensa com outro tipo, o Keenan. Por algum motivo que a ultrapassava, nenhum dos dois parecia ter ciúmes do outro.

Os tipos que tinham levado Aislinn à escola ficaram parados do outro lado da rua, olhando-a, enquanto ela se aproximava de Leslie. Keenan e Niall, o tio dele, não se mexeram do seu posto, ostentando expressões demasiado sérias — e, aparentemente, inconscientes do número de pessoas que os observavam como se fossem membros dos Zombies Vivos. Leslie interrogou-se se Niall tocaria algum instrumento. Era mais sensual do que qualquer um dos Zombies. Se também tocasse ou cantasse... teria meio caminho andado para o êxito, só por ter um ar tão delicioso. Possuía uma aura misteriosa e, além disso, era um par de anos mais velho do que Leslie e Aislinn — talvez andasse no segundo ano da faculdade. Além disso, havia aquela responsabilidade estranhamente sensual — era um dos guardiões de Keenan, um tio, mas ainda jovem — e vinha numa embalagem que parecia perfeita, para a qual ela estava, mais uma vez, a olhar espedada.

Quando ele sorriu e lhe acenou, Leslie teve de se obrigar a não se aproximar dele. Sentia-se sempre assim quando ele a olhava. Tinha uma necessidade ilógica de correr para ele, como se algo estivesse demasiado comprimido dentro dela e a única maneira de libertar essa tensão fosse ir ter com ele. Não o fez. Não ia fazer figura de parva por causa de um tipo que não lhe dera qualquer sinal genuíno de interesse. *Mas talvez o viesse a fazer.* Até ali, os únicos contactos entre eles tinham ocorrido debaixo dos olhares atentos de Keenan ou de Aislinn, e eram geralmente interrompidos pelas desculpas esfarrapadas que Aislinn arranjava para se afastarem de Niall.

Aislinn pousou a mão no braço de Leslie.

— Vamos.

E, como já o haviam feito tantas vezes, afastaram-se de Niall.

Leslie voltou a sua atenção para Aislinn.

— Uau. A Rianne disse que estavas com um bronze espectacular, mas não acreditei.

A pele sempre pálida de Aislinn adquirira um tom bronzeado perfeito, como se tivesse estado a viver na praia, tão bronzeada como Keenan andava permanentemente. Na sexta-feira, não estava assim. Aislinn mordeu o lábio — um hábito nervoso que, geralmente, significava que se sentia encurralada.



— É um problema causado pelo Inverno — chamado DAS<sup>2</sup> —, por isso preciso de apanhar sol.

— Pois — Leslie fez o possível para que a dúvida não lhe transparecesse na voz, mas não o conseguiu. Aislinn não parecia nada deprimida — nem parecia ter motivos *para* estar deprimida, nos últimos tempos. Na verdade, dava a impressão de andar cheia de dinheiro e de ser o centro das atenções. Nalgumas vezes em que Leslie a vira por aí com Keenan, ambos traziam colares de ouro entrançado a condizer que se lhes aconchegavam na perfeição à volta do pescoço. Reparara nas roupas que Aislinn usava, nos novos casacos de Inverno, nos motoristas e — convinha não esquecer — no facto de Seth não se importar com nada disso. *Deprimida? Pois sim.*

— Acabaste a leitura para a aula de Literatura? — Aislinn abriu a porta e juntaram-se à multidão que enchia os corredores.

— Tivemos um jantar fora da cidade, por isso não acabei — Leslie revirou os olhos exageradamente. — O Ren até vestiu roupa adequada e tudo.

Ambas continuaram a desviar a conversa de assuntos de que não queriam falar. Leslie mentia com facilidade, mas Aislinn parecia decidida a dirigir a conversa para temas neutrais. Por fim, olhou para trás — como se estivesse ali alguém — e abordou outro tópico ao acaso:

— Ainda estás a trabalhar no Verlaine?

Leslie verificou: não havia ninguém atrás delas.

— Claro. O Pai fica furioso por eu servir às mesas e, sabes, sempre é uma boa desculpa para quando tenho de justificar os meus horários esquisitos.

Leslie não admitiu que *tinha* de trabalhar nem que o pai não fazia a menor ideia do que ela fazia para ganhar dinheiro. Nem sequer estava certa de que o pai soubesse que ela tinha um emprego ou que pagava as contas. Talvez pensasse que o Ren tratava disso, embora provavelmente não se apercebesse de que o Ren passava droga — *ou vendia a irmã* — para obter dinheiro. Falar de dinheiro, do que se passava em casa ou de Ren não era, de todo, o tipo de conversa que queria ter, por isso, desta vez, foi ela a mudar de assunto. Com um sorriso conspirativo, passou o braço à volta da cintura de Aislinn e assumiu a expressão que usava com os amigos.

— Então, vamos lá falar do tio sensual do Keenan. Que novidades há sobre ele? Anda com alguém?

— O Niall? Ele é só... bem, não é, mas... — Aislinn franziu o sobro-

---

<sup>2</sup> Distúrbio afectivo sazonal — *N. do T.*



lho. — Tu não necessitas de meter-te com ele. Há outros mais bonitos... quero dizer, melhores...

— Duvido, querida. Tens a visão prejudicada por olhares demais para o Seth — Leslie deu umas pancadinhas no braço de Aislinn. — O Niall é do melhor que há.

O rosto dele era tão belo como o de Keenan, mas diferente: o de Niall tinha personalidade. Uma longa cicatriz estendia-se-lhe da têmpora até ao canto da boca, e não se envergonhava disso. Usava o cabelo tão curto que não havia qualquer hipótese de alguma coisa interferir na beleza daquela linha saliente. E o corpo... *uau*. Todo ele era tendões e postura alongada, e movia-se como se andasse a treinar desde o berço uma qualquer arte marcial há muito esquecida. Leslie não percebia como alguém podia reparar em Keenan quando Niall estava por perto. Keenan era bastante atraente, com os seus olhos verdes fora do vulgar, corpo perfeito e cabelos louros como areia. Era lindo, mas movia-se de uma forma que fazia sempre Leslie pensar que não fora feito para a civilização. Assustava-a. Niall, por outro lado, era apetitoso e parecia simpático — delicado de uma maneira que Keenan não era.

Leslie instigou-a:

— Portanto, quanto a relações...

— Ele não, hum, se envolve em relações — Aislinn falava baixo. — Seja como for, é demasiado velho.

Leslie deixou cair o assunto, para já. Apesar de Aislinn passar grande parte do seu tempo a «não namorar» com Keenan, fazia todo o possível por manter os amigos da escola separados do grupo de Keenan. Quando se cruzavam, Aislinn agarrava-se a Leslie como uma lapa, não lhe dando qualquer oportunidade de conversar com qualquer um dos acompanhantes de Keenan — especialmente com Niall. Por um momento, Leslie interrogou-se se estaria tão interessada em Niall se Aislinn não insistisse tanto em mantê-los separados. Quanto mais Aislinn agia como um obstáculo, mais Leslie desejava aproximar-se de Niall. Um tipo mais velho com um corpo de fazer crescer água na boca, aparentemente sem maus hábitos conhecidos e, de certo modo, proibido: como podia deixar de a atrair?

Mas Aislinn estava demasiado ocupada com Seth e Keenan, por isso talvez não compreendesse isso. *Ou talvez soubesse alguma coisa*. Leslie obrigou-se a afastar essa ideia: se Aislinn tivesse algum motivo válido para pensar que Niall não prestava, dir-lhe-ia. Podiam estar metidas neste estranho jogo de secretismo, mas ainda eram amigas.

— Les! — Rianne abria caminho por entre a multidão com a sua exuberância habitual. — Perdi a visão da sobremesa?



— Hoje só havia duas guloseimas saborosas... — Leslie deu o braço a Rianne enquanto se dirigiam aos cacifos. Podia sempre contar-se com Rianne para aligeirar as coisas.

— Então o moreno dos piercings não estava de serviço? — Rianne deitou um sorriso perverso a Aislinn, que, previsivelmente, corou.

— Nada de Seth. Hoje só estavam o louro sorumbático e o da cicatriz sensual — Leslie piscou o olho a Aislinn, apreciando aqueles breves momentos de normalidade, de sorrisos. Aquela descontração era inerente a Rianne e Leslie ficava-lhe sempre grata por isso. Pararam em frente do cacifo de Aislinn e Leslie acrescentou:

— A nossa açambarcadora de sobremesas ia precisamente dizer-me quando vamos todos sair para dançar.

— Não, não... — começou Aislinn.

— Mais cedo ou mais tarde, vais ter de partilhar a tua riqueza, Ash. Estamos a sentir-nos privadas de alimento. Enfraquecidas — Rianne suspirou, apoiando-se pesadamente em Leslie. — Até já estou com tonturas.

Por um instante, Leslie viu uma expressão de nostalgia perpassar pelo rosto de Aislinn, mas depois ela apanhou-a a olhar.

Aislinn arvorou um ar impassível.

— Às vezes, gostava de poder... mas não me parece boa ideia.

Rianne abriu a boca para responder, mas Leslie abanou a cabeça.

— Dá-nos um segundo, Ri. Já vou ter contigo.

Depois de Rianne se ter ido embora, Leslie enfrentou o olhar de Aislinn.

— Quem me dera que não estivéssemos a fazer isto... — fez um gesto designando o espaço entre as duas.

— O que queres dizer? — Aislinn ficou tão imóvel e silenciosa no tumulto do corredor que foi como se o barulho à volta delas se desvanecesse por um momento.

— A mentir — Leslie suspirou. — Tenho saudades de quando éramos mesmo amigas, Ash. Não vou invadir o teu espaço, mas era bom voltarmos a ser francas uma com a outra. Tenho saudades tuas.

— Eu não estou a mentir. Eu... não sei mentir — Aislinn olhou para além de Leslie momentaneamente, franzindo o sobrolho a alguém.

Leslie não se virou para ver quem era.

— Também não estás a ser sincera. Se não me queres por perto... — encolheu os ombros. — É como quiseres.

Aislinn agarrou-lhe os braços e puxou-a para si. Embora tentasse, Leslie *não conseguiu* mesmo afastar-se.

Um idiota qualquer que ia a passar no corredor gritou:

— Fufas.





Leslie ficou tensa, dividida entre o impulso instantâneo de fazer um gesto obsceno ao tipo e o medo de conflitos ao qual ainda não se habituara.

A campainha tocou. Ouviram-se portas de cacifos a bater. Por fim, Aislinn disse:

— Só não quero que te magoes. Há... pessoas e coisas... e...

— Querida, duvido que haja alguma coisa pior do que... — interrompeu-se, incapaz de dizer as frases seguintes. O coração batia-lhe com um ruído surdo, só de pensar em dizer aquelas palavras em voz alta. Abanou-lhe o braço. — Podes largar-me? Ainda tenho de ir ao meu cacifo.

Aislinn libertou-a e Leslie foi-se embora antes que tivesse de pensar numa maneira de responder às perguntas inevitáveis que se seguiriam ao que quase confessara. *Falar não vai alterar nada.* Mas, às vezes, era o que mais queria fazer, contar a alguém; porém, na maior parte do tempo, só queria deixar de ter aqueles sentimentos horríveis, fugir de si mesma, para não sentir dor, nem medo, nem indignidade.



## CAPÍTULO 2

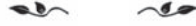
**D**epois da escola, Leslie saiu do edificio antes que Aislinn ou Rianne tivessem hipótese de vir ter com ela. Passara a maior parte dos seus intervalos na biblioteca, lendo mais sobre a história da tatuagem, a tradição centenária de marcar o corpo. As motivações — que iam da adopção da natureza de um animal totem para assinalar acontecimentos da vida à utilização de pistas visuais para identificação de criminosos — fascinavam-na. E, o que era mais importante, faziam sentido para ela.

Quando entrou na Pins and Needles, a campainha sobre a porta tinniu.

Rabbit olhou por cima do ombro.

— Já vou ter contigo — gritou. Enquanto o homem a seu lado falava, Rabbit passava, distraidamente, uma mão pelo cabelo pintado de branco e azul.

Leslie ergueu a mão num cumprimento e passou por ele. Esta semana, ele deixara crescer uma barbicha que realçava o piercing que usava no lábio. Fora aquele piercing, sob o lábio inferior, chamara a atenção de Leslie, da primeira vez que Ani e Tish a haviam trazido àquela loja. Passada



uma semana, já tinha o seu próprio piercing — escondido sob a blusa — e deu por si a passar algum tempo ali no estúdio.

Aqui, sentia-se segura — longe da Bishop O.C., longe da embriaguez incomodativa do pai, longe dos depravados que o Ren levava para casa para partilharem a sua dose semanal de drogas. Na Pins and Needles, estava segura, sossegada, relaxada — tudo o que não podia estar na maioria dos outros lugares.

— Sim, usamos sempre agulhas novas — repetiu Rabbit ao potencial cliente.

Enquanto Leslie deambulava pela loja, ia ouvindo fragmentos dos comentários de Rabbit que se insinuavam no silêncio por entre a música de fundo:

— Autoclave... esterilizado como num hospital.

O olhar do homem passeou-se preguiçosamente pelas *flash* que ornamentavam as paredes, mas não estava ali para comprar. Estava tenso, pronto a escapar-se num abrir e fechar de olhos. Tinha os olhos demasiado abertos. A sua postura era nervosa — braços cruzados, corpo fechado sobre si mesmo. Apesar da quantidade de pessoas que passavam pela loja, só poucas delas estavam realmente dispostas a pagar por aquela arte. O homem não era uma delas.

— Tenho umas perguntas a fazer — gritou Leslie para Rabbit.

Deitando-lhe um sorriso agradecido, Rabbit pediu licença ao homem, dizendo-lhe:

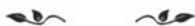
— Se quiser dar uma olhadela...

Leslie foi até à parede do fundo, onde folheou os padrões — imagens que podiam ser compradas e usadas por quantas pessoas delas gostassem. Flores e cruces, padrões tribais e desenhos geométricos — muitas eram lindas, mas, por muito que as contemplasse, nenhuma delas lhe parecia a tal. As salas mais pequenas que se ramificavam a partir da sala principal tinham outros estilos menos apelativos: raparigas de capa de revista da velha escola, desenhos de esqueletos, personagens de desenhos animados, slogans e animais.

Rabbit surgiu por detrás dela, mas Leslie não se retesou, não sentiu aquela necessidade de se virar para não ser encurralada. Era o *Rabbit*. O Rabbit era de confiança.

— Não há aqui nada de novo, Les — disse ele.

— Eu sei — folheou o expositor de cartazes encostado à parede. Uma das imagens era de uma trepadeira verde enrolada à volta de uma mulher semi-humana; ela parecia estar a ser estrangulada mas sorria como se estivesse a gostar. *Que idiotice*. Leslie voltou a folhear. Símbolos obscuros com traduções por baixo cobriam a superfície seguinte. *Não é o meu estilo*.



Rabbit riu-se, um riso áspero de fumador, embora não fumasse e afirmasse nunca o ter feito.

— Depois do tempo que aqui tens passado, nos últimos meses, à procura, era de esperar que já tivesses encontrado alguma coisa.

Leslie virou-se e fez uma careta a Rabbit.

— Então desenha qualquer coisa para mim. *Agora* estou preparada, Rabbit. Quero fazer isto.

Mais ao lado, o suposto cliente parou para examinar um par de argolas na vitrina.

Com um encolher de ombros embaraçado, Rabbit respondeu:

— Já te disse. Se queres um trabalho personalizado, traz-me uma ideia. Alguma coisa. Não posso desenhar sem referências.

A campainha soou quando o homem saiu.

— Então ajuda-me a arranjar uma ideia. Por favor? Há semanas que tens o meu formulário de autorização parental — desta vez, não ia recuar. Fazer uma tatuagem fazia sentido, e iria ajudá-la a pôr a sua vida em ordem, a andar para a frente. Era o *seu corpo*, apesar de tudo o que já tinha suportado, e queria reivindicá-lo, possuí-lo, *provar* isso a si própria. Sabia que não teria um efeito mágico, mas a ideia de redigir a sua própria identidade parecia-lhe o mais perto que podia chegar de recuperar a sua própria vida. Por vezes, as acções têm poder; outras vezes, é nas palavras que reside a força. Ela queria encontrar uma imagem que representasse os seus sentimentos e gravá-la na pele como prova tangível da sua decisão de mudar.

— Rabbit? Eu preciso disto. Disseste-me para pensar. Já pensei. Preciso... — olhou as pessoas que passavam na rua, perguntando-se se os homens que lhe haviam feito aquilo... se estariam ali fora. Não os reconheceria porque o Ren drogara-a antes de a oferecer a eles. Voltou o olhar para Rabbit, um olhar involuntariamente directo, que lhe dizia o que ela não conseguira dizer a Aislinn horas antes:

— Preciso de mudar, Rabbit. Estou a afogar-me. Preciso de fazer *alguma coisa*, ou não vou sobreviver. Talvez uma tatuagem não seja a solução certa, mas, neste momento, é o que posso fazer... preciso disto. Ajudas-me?

Ele parou, com uma expressão estranhamente hesitante no rosto.

— Não vás em frente com isto.

Ani e Tish espreitaram por detrás da esquina, acenaram e acercaram-se vagarosamente da aparelhagem. A música mudou para um tema mais sombrio, com baixos pesados e vocalizações como rugidos. O volume aumentou tanto que Leslie sentia as batidas da percussão.

— Ani! — Rabbit deitou um olhar carrancudo à irmã.

— Agora, a loja está vazia — Ani empertigou-se e fitou-o, com um



ar de desafio. Nunca se acobardava, por mais rabugento que Rabbit estivesse. Mas ele nunca a magoaria. Tratava as irmãs como se fossem as maiores preciosidades que já vira. Essa era uma das características dele que Leslie achava tranquilizadora. Os tipos que tratavam bem a família eram *bons* e de confiança — tipos como o seu pai e irmão, nem tanto.

Rabbit ficou a olhar para Leslie durante vários segundos até dizer:

— O que precisas não é de um escape instantâneo. Tens de enfrentar aquilo de que andas a fugir.

— Por favor? Eu quero isto — Leslie sentiu as lágrimas queimarem-lhe os olhos. Rabbit era demasiado cauteloso, e ela não queria conversas de encorajamento. Queria algo que não sabia exprimir verbalmente — paz, entorpecimento, *alguma coisa*. Encarou-o, tentando encontrar as palavras certas para o convencer, tentando compreender porque não queria ele ajudá-la. Tudo o que conseguiu dizer foi:

— Por favor, Rabbit?

Então ele desviou os olhos e fez-lhe sinal para segui-lo. Atravessaram o pequeno corredor até ao escritório dele. Rabbit destrancou a porta e deixou-a entrar na divisão minúscula.

Leslie parou logo a seguir à entrada, menos à-vontade mas ainda bem disposta. A sala mal tinha espaço para acomodar tudo o que ali estava amontoado. Uma enorme mesa de madeira escura e dois arquibancos ocupavam a parede do fundo; um balcão comprido, coberto de ferramentas de vários artistas e de revistas estendia-se ao longo da parede da direita; a terceira parede tinha um balcão parecido, com duas impressoras, um *scanner*, um projector e uma série de frascos sem etiqueta.

Rabbit tirou outra chave do bolso e abriu uma gaveta da secretária. Ainda sem dizer uma palavra, retirou de lá um livrinho castanho muito fino com algumas palavras impressas na capa. Depois, sentou-se na sua cadeira e fixou o olhar em Leslie até ela ter vontade de fugir, como se tudo o que sabia sobre ele se tivesse desvanecido e ele se tivesse tornado, de alguma forma, perigoso.

*Este é o Rabbit.*

Sentiu-se envergonhada do seu receio momentâneo. O Rabbit era como o irmão mais velho que ela devia ter tido, um verdadeiro amigo. Nunca a tratara de outra forma que não com respeito.

Leslie aproximou-se da secretária e sentou-se em cima dela.

Ele suportou-lhe o olhar e perguntou:

— O que procuras?

Já tinham conversado o suficiente para ela saber que ele não se referia ao tipo de figura, mas sim ao seu significado. A importância de uma tatuagem não era a imagem em si, mas aquilo que representava.



— Segurança. Não voltar a sentir medo nem dor — não conseguira olhar para ele ao dizê-lo, mas *dissera-o*. Já era um progresso.

Rabbit abriu o livro mais ou menos a meio e pousou-lho no colo.

— Aqui tens. Estas são minhas. São especiais. São como... símbolos de mudança. Se o que precisas estiver aqui... bem... alguma destas te parece ser o que precisas?

A página estava atafalhada de imagens — padrões célticos intrincados, olhos a espreitar por detrás de trepadeiras espinhosas, corpos grotescos exibindo sorrisos perversos, animais demasiado irreais para ser possível contemplá-los durante muito tempo, símbolos dos quais afastou os olhos assim que os viu. Eram admiráveis e tentadoras e repugnantes, excepto uma imagem que lhe retesou os nervos: uns olhos negros de azeviche erguiam-se por entre um padrão entrançado negro e cinzento, rodeado de asas como sombras aglutinadas e, no centro, estava uma estrela do caos. Oito setas partiam do ponto central. Quatro destas eram mais grossas, como os braços de uma cruz de espigões.

A *minha*. A ideia, a necessidade, a reacção foram avassaladoras. O estômago contraiu-se-lhe. Afastou o olhar e obrigou-se a continuar à procura. Viu outras tatuagens, mas a sua atenção voltava-se para aquela imagem como se fosse atraída por ela. *Esta é a minha*. Por um momento, um efeito de luz fez-lhe parecer que um dos olhos da imagem piscara. Passou o dedo pela página, tacteando a cobertura de plástico liso e macio que a cobria, imaginando a sensação daquelas asas enroladas à sua volta — de alguma forma, denteadas e aveludadas ao mesmo tempo. Levantou os olhos para Rabbit.

— É esta. Preciso desta.

Uma estranha sucessão de expressões passou pelo rosto de Rabbit, como se não soubesse se havia de ficar surpreendido, satisfeito ou aterrado. Pegou no livro e fechou-o.

— Porque não pensas nisso durante mais uns dias...

— Não — Leslie pegou-lhe no pulso. — *Tenho* a certeza. Estou mais do que pronta, e esta imagem... se estivesse na parede, já a teria no corpo — estremeceu, desagradando-lhe a ideia de mais alguém fazer a sua tatuagem — porque *era* dela. Sabia-o. — Por favor.

— É uma tatuagem única. Se a fizeres, mais ninguém poderá fazê-la, mas... — olhou a parede por detrás dela — vai mudar-te, vai mudar as coisas.

— *Todas* as tatuagens mudam as pessoas — Leslie tentou manter a voz uniforme, mas a hesitação de Rabbit frustrava-a. Ele andava a empata-la há semanas. Esta era a sua tatuagem e estava aqui, ao seu alcance.

Evitando cuidadosamente o olhar dela, Rabbit enfiou o livro na gaveta.



— Aquelas coisas que procuravas... aquelas mudanças... tens de ter a certeza absoluta de que são aquilo que queres.

— E *tenho* — tentou fazê-lo olhar para ela, inclinando-se até o seu rosto ficar mais perto do dele.

Ani meteu a cabeça pela porta.

— Ela já escolheu alguma?

Rabbit ignorou-a.

— Diz-me o que pensaste quando a escolheste. Havia algumas outras que... te atraíssem?

Leslie abanou a cabeça.

— Não. Só aquela. Quero-a. Depressa. Já.

E queria mesmo. Era como estar a olhar para um banquete e a aperceber-se de que nunca comera, como uma ânsia que precisava de satisfazer imediatamente.

Depois de mais um olhar demorado, Rabbit tomou-a nos braços, dando-lhe um abraço rápido.

— Então seja.

Leslie virou-se para Ani.

— É perfeita. É uma estrela do caos e um padrão entrançado, e tem uns olhos fantásticos e asas de sombras.

Ani deitou um olhar a Rabbit — que acenou com a cabeça — e depois assobiou.

— És mais forte do que eu pensava. Espera até a Tish saber disto — saiu, gritando: — Tish? Adivinha qual foi a que a Leslie escolheu.

— A sério? — o guincho de Tish fez Rabbit fechar os olhos.

Abanando a cabeça, Leslie disse a Rabbit:

— Tens consciência de que estão todos a portar-se de uma maneira estranhíssima, mesmo para quem vive numa loja de tatuagens?

Em vez de dar mostras de ter ouvido aquela observação, Rabbit afastou-lhe ternamente o cabelo da cara como fazia às irmãs.

— Vou precisar de uns dias para arranjar a tinta adequada para este desenho. Podes mudar de ideias.

— Não vou mudar — Leslie sentiu uma vontade extraordinária de guinchar como Tish fizera. Em breve, tê-la-ia, a tatuagem perfeita. — Vamos falar de preços.

Niall viu Leslie sair da Pins and Needles. Quando ela andava pela cidade, movia-se de ombros direitos, com um passo regular. Era uma postura que não condizia com os medos que ele sabia esconderem-se dentro dela. Hoje, porém, a confiança dela parecia quase real.



Aproximou-se mais, afastando-se da parede de tijolos vermelhos à qual estivera encostado enquanto ela estava na loja de tatuagens. Quando Leslie parou para perscrutar as sombras da rua, Niall passou-lhe levemente os dedos por uma madeixa de cabelo que lhe caíra sobre a face. O cabelo dela — de um castanho quase tão cor-de-madeira como o seu — não era suficientemente comprido para poder ser apanhado nem suficientemente curto para se manter afastado do rosto por si próprio; era perfeito para se tornar intrigante.

*Tal como ela.*

Os dedos de Niall mal lhe tocaram a face, um contacto demasiado ténue para que ela reagisse. Ele inclinou-se mais para lhe sentir o aroma. Antes de ir trabalhar, Leslie cheirava a alfazema, não a perfume, mas ao champô que ultimamente preferia.

— O que fazes sozinha na rua outra vez? Sabes que não deves.

Ela não lhe respondeu. Nunca o fazia: os mortais não viam as fadas, não as ouviam — especialmente os mortais que a Rainha do Verão insistira que continuassem desconhecedores das Cortes Feéricas.

No início, a pedido do seu rei, Niall fizera alguns dos turnos de guarda a Leslie. Quando ela não tinha consciência da sua presença, podia caminhar a seu lado e falar-lhe, o que não podia fazer quando estava visível para ela. A forma como aquela mortal olhava para ele — como se o achasse melhor do que alguma vez fora, como se o achasse atraente por quem ele era e não por causa do papel que desempenhava na Corte do Verão — era algo que lhe subia à cabeça, até demais, na verdade.

Ainda que a sua rainha não o tivesse pedido, Niall queria, de qualquer forma, garantir a segurança de Leslie. Mas Aislinn ordenara-o. Ao contrário de Leslie, Aislinn vira a fealdade do mundo das fadas quando fora mortal. Desde que se tornara Rainha do Verão, esforçara-se por estabelecer um equilíbrio com a também nova Rainha do Inverno. Não lhe restava muito tempo para garantir a segurança das suas amigas mortais, mas tinha o poder de ordenar às fadas que o fizessem. Habitualmente, um conselheiro da corte não teria uma tarefa deste tipo a seu cargo, mas há séculos que Niall era visto pelo Rei do Verão mais como família do que como um mero conselheiro. Keenan sugerira que Aislinn se sentiria mais tranquila sabendo que a segurança das suas amigas mais chegadas era supervisionada por uma fada da sua confiança.

Apesar de, a princípio, fazer apenas alguns turnos, Niall cada vez passava mais tempo a vigiá-la. Não o fizera com as outras, mas elas não o fascinavam como acontecia com Leslie. Leslie oscilava entre vulnerabilidade e ousadia, entre ferocidade e medo. Há algum tempo, quando Niall





coleccionara mortais como brinquedos, tê-la-ia considerado irresistível, mas agora estava mais forte.

*Melhor.*

Obrigou-se a afastar aquele pensamento e observou o meneio das ancas de Leslie enquanto ela atravessava as ruas de Huntsdale com uma coragem — *imprudência* — que contradizia aquilo que ele sabia das experiências dela. Talvez ela fosse para casa se tivesse uma casa mais segura. Mas não tinha. Ele soubera-o da primeira vez que ficara de vigia à porta dela, ouvindo o pai bêbado e o irmão cruel. A casa dela podia parecer encantadora vista do lado de fora, mas era uma aparência enganadora.

*Como tanta coisa na vida dela.*

Niall deitou uma olhadela aos sapatos rasos que ela calçava, às suas canelas nuas, às suas pernas longas. O começo inesperadamente prematuro do Verão naquele ano — depois de anos de um frio opressivo — levava os mortais a exporem mais pele nua. Ao contemplar Leslie, Niall não se queixava desse facto.

— Pelo menos, hoje trazes uns sapatos decentes. Nem queria acreditar, naquela noite, quando foste trabalhar com aquelas coisinhas afectadas — abanou a cabeça. — Mesmo assim, eram amorosos. Bem, na verdade, só gostei de entrever os teus tornozelos.

Leslie dirigiu-se ao restaurante, onde afivelaria o seu sorriso posição e seria simpática para os clientes. Ele ia levá-la até à porta; depois, esperaria no exterior, observando os corpos que chegavam e partiam, certificando-se de que não queriam fazer-lhe mal. Era essa a rotina.

Por vezes, permitia-se imaginar o que aconteceria se ela pudesse *realmente conhecê-lo* — vê-lo à luz da realidade. Iriam os olhos arregalar-se-lhe de medo se visse a extensão das suas cicatrizes? Iria o rosto torcer-se-lhe de repulsa se soubesse as coisas horríveis que fizera antes de pertencer à Corte do Verão? Iria ela perguntar-lhe porque usava o cabelo rapado? E, se o fizesse, poderia ele responder a alguma dessas perguntas?

— Fugirias de mim? — perguntou em voz baixa, furioso com o facto de o seu coração disparar ao pensar em cortejar uma rapariga mortal.

Leslie parou ao ouvir um grupo de homens assobiar de dentro de um carro. Um deles projectou metade do corpo para fora da janela, numa demonstração de vulgaridade que pretendia fazê-lo parecer muito masculino. Niall duvidava que ela conseguisse ouvir o que eles diziam: os baixos da música que tocava no carro faziam demasiado barulho para que simples vozes pudessem sobrepor-se-lhes. Mas Leslie não precisava de distinguir palavras concretas para se aperceber de uma ameaça. Ficou tensa.



O carro partiu em alta velocidade e os baixos ribombantes desvaneceram-se gradualmente, como os trovões de uma tempestade que se afasta.

Niall sussurrou-lhe ao ouvido:

— São apenas miúdos, Leslie. Vá lá. Onde está o teu andar enérgico?

O suspiro quase imperceptível de Leslie foi tão fraco que ele poderia não o ter ouvido se não estivesse tão perto dela. A tensão nos ombros dela atenuou-se um pouco, mas a expressão abatida manteve-se-lhe no rosto. Nunca parecia abandoná-lo. A maquilhagem não lhe disfarçava as olheiras. As mangas compridas não lhe escondiam as nódoas negras quase roxas causadas pelas pancadas violentas que o irmão lhe desferira há dias.

*Se eu pudesse intervir...*

Mas não podia, não na vida dela, não na casa dela. Isso era-lhe proibido. Tudo o que podia fazer era oferecer-lhe as suas palavras — palavras que ela não podia ouvir. Ainda assim, disse:

— Eu impediria quem quer que fosse de te apagar esse sorriso do rosto. Fá-lo-ia, se me fosse permitido.

Distraidamente, Leslie colocou uma mão nas costas e deitou um olhar na direcção da Pins and Needles. Sorriu para si mesma, o mesmo sorriso que trazia quando saía do salão de tatuagens.

— Aaah, finalmente decidiste decorar essa linda pele. O que irá ser? Flores? O sol? O olhar de Niall subiu-lhe pelas costas acima.

Leslie deteve-se; haviam chegado ao restaurante. Os ombros descaíram-lhe outra vez.

Niall queria confortá-la, mas, em vez disso, só podia fazer-lhe a mesma promessa de todas as noites:

— Vou ficar aqui à espera.

Gostaria que ela respondesse, que lhe dissesse que o procuraria depois do trabalho, mas isso não era possível.

*E é melhor assim.* Ele sabia-o, mas não gostava que assim fosse. Fazia parte da Corte do Verão há tempo suficiente para que o seu percurso original estivesse praticamente esquecido, mas, quando via Leslie — a sua vitalidade, a sua paixão... em tempos, quando era uma fada solitária, quando tinha outro nome, não teria hesitado.

— No entanto, concordo com a Aislinn, quero proteger-te — murmurou-lhe ao ouvido. Os cabelos incrivelmente macios de Leslie roçaram-lhe a face. — Vou proteger-te — deles e de mim.



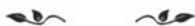
## CAPÍTULO 3

Irial estava de pé à luz da madrugada, silencioso, com uma das suas fadas jazendo morta a seus pés. A fada, Guin, usara um disfarce mortal tantas vezes que ainda tinha pedaços desse disfarce colados, mesmo depois de morta — parte do seu rosto estava ainda pintado com maquiagem mortal, enquanto a outra parte deixava transparecer o esplendor da sua verdadeira natureza. Vestia calças de ganga azul muito apertadas — jeans, como ela e as irmãs sempre lembravam a Irial quando conversavam — e um top que mal lhe cobria o peito. Aquela tira de pano estava coberta de sangue, do sangue *dela*, de sangue *de fada*, que pingava sobre o chão sujo.

— Porquê? Porque aconteceu isto, *a ghrá*<sup>3</sup>? — Irial inclinou-se para lhe afastar o cabelo ensanguentado do rosto. À volta deles havia garrafas, beatas e agulhas usadas. Nada disto o chocava como dantes: esta era uma zona perigosa, que se tornara mais violenta nos últimos anos, à medida que os mortais disputavam os seus territórios. O que o chocava era a ideia de que uma bala mortal tivesse tirado a vida a alguém da sua espécie.

---

<sup>3</sup> «Meu amor» em gaélico — *N. do T.*



Poderia não ter sido intencional, mas isso não mudava nada. Ela não deixava de estar morta.

À sua frente esperava a fada carpideira alta e magra que o convocara.

— O que fazemos? — a fada torcia as mãos enquanto falava, reprimindo a sua tendência natural para chorar. Não conseguiria reprimi-la por muito tempo, mas Irial não respondeu logo — *não podia fazê-lo*.

Irial apanhou uma cápsula de bala vazia, revirando-a entre os dedos. O bronze não deveria ferir uma fada, nem mesmo a bala de chumbo que removera do corpo morto da criatura quando chegara. Mas fora isso que acontecera: uma simples bala mortal abatera-a.

— Irial? — a fada carpideira já mordera a língua até lhe escorrer sangue por entre os lábios, pingando-lhe do queixo pontiagudo.

— Balas vulgares — murmurou ele, dando voltas aos pedaços de metal entre os dedos. Durante todos aqueles anos, desde que os mortais haviam começado a adaptar as coisas, nunca vira uma criatura da sua espécie morta por eles. Baleadas, sim, mas tinham-se curado. T tinham-se curado *sempre* de quase tudo o que era infligido pelos mortais — de tudo menos de feridas graves causadas por aço ou ferro.

— Vai para casa chorar. Quando as outras forem ter contigo, diz-lhes que esta zona, por agora, passa a ser proibida — então, pegou na fada ensanguentada e afastou-se com ela nos braços, deixando a fada carpideira entregue aos seus lamentos. Os gemidos desta chamariam ali as suas fadas da Corte das Trevas, agora vulnerabilizadas, para ouvirem a horrível notícia de que um mortal matara uma fada.

Quando o actual Gabriel — a mão esquerda de Irial<sup>4</sup> — se aproximou, passados apenas alguns momentos, a sombra alada de Irial alongara-se sobre a rua como um manto mortuário. Lágrimas negras como tinta caíam-lhe sobre o corpo de Guin, dissolvendo os restos do disfarce que ainda restavam sobre ela.

— Já esperei tempo suficiente para enfrentar a ameaça que a força crescente da Corte do Verão representa — disse.

— Esperaste tempo demais — observou Gabriel. — Se esperares mais, a guerra terá lugar nas condições deles, Iri.

Tal como os seus antecessores, este Gabriel — sendo o seu nome decorrente do posto que ocupava, e não o que lhe fora dado à nascença — fora sempre extremamente directo. Era uma característica inestimável.

— Não quero causar a guerra nas cortes, apenas o caos — Irial de-

---

<sup>4</sup> Analogia com o Arcanjo Gabriel, que é por vezes referido como «a mão esquerda de Deus» — *N. da T.*



teve-se junto ao alpendre de uma casa com todas as persianas corridas, uma das muitas casas que mantinha para as suas fadas, em qualquer cidade que adoptassem como residência. Contemplou a casa, onde Guin ficaria exposta ao luto da corte. A notícia da morte de Guin não tardaria a chegar a Bananach; e a fada sedenta de guerra iniciaria as suas intermináveis maquinações. Irial não tinha a menor vontade de tentar aplacar Bananach. A cada ano que passava, ela tornava-se mais impaciente, exigindo mais violência, mais sangue, mais destruição.

— A guerra não é o melhor para a nossa corte — disse Irial, mais para si próprio do que para Gabriel. — Essa é a prioridade de Bananach, não a minha.

— Se não é a tua, também não é a dos Canídeos — Gabriel estendeu a mão e tocou a face de Guin. — A Guin concordaria. Ela também não apoiaria Bananach, nem mesmo agora.

Três fadas das trevas saíram da casa; uma névoa cor de fumo colava-se-lhes como se lhes emanasse da pele. Em silêncio, pegaram no corpo de Guin e levaram-no para dentro. Pela porta aberta, Irial viu que já tinham começado a pendurar espelhos negros pela casa, cobrindo todas as superfícies livres, na esperança de que quaisquer trevas ali presentes se infiltrassem no corpo, de que quaisquer vestígios fossem suficientemente poderosos para regressarem à carcaça vazia, para nutrirem e curarem Guin. Mas isso não aconteceria: ela estava realmente morta.

Irial viu-os na sua rua, mortais nojentos portadores de tanta violência preciosa que ele não podia alcançar. *Isso irá mudar.*

— Encontra-os, os que fizeram isto. Mata-os.

O espaço anteriormente vazio à volta dos caracteres em Orgam inscritos no antebraço de Gabriel encheu-se de uma caligrafia cheia de arabescos em sinal de acatamento da ordem do Rei das Trevas. Gabriel cumpria sempre as ordens do rei com a sua incumbência claramente escrita na pele — para intimidar e para que não restassem dúvidas de que era esse o desejo do rei.

— E manda os outros chamar algumas fadas do Keenan para o velório. E da Donia também — Irial fez um esgar ao lembrar-se das fadas sournas da Corte do Inverno. — Que raio, traz algumas das fadas reclusas da Sorcha, se as conseguires encontrar. A Corte Suprema dela não serve para mais nada. Não vou aprovar uma guerra, mas vamos provocar umas lutas.

Ao cair da noite, Irial sentou-se no seu estrado, observando as suas fadas desoladas. Contorciam-se, andavam de um lado para o outro e choravam.



As fadas fluviais pingavam água suja do rio por todo o chão; várias fadas carpideiras ainda se lamentavam. Os Canídeos de Gabriel — nos seus disfarces humanos, com a pele decorada com tatuagens que se moviam e correntes prateadas — trocavam piadas, mas, sob a aparência descontraída, estavam em alerta. Jenny Dentes Verdes e os seus parentes deitavam olhares acusadores a toda a gente. Só o povo dos cardos parecia calmo, aproveitando-se do medo alheio, alimentando-se do pânico que impregnava o salão. Todos eles sabiam que os rumores de uma sublevação já haviam começado a espalhar-se. O facto de uma fada ter sido morta tornava inevitável o recurso a medidas extremas. Havia sempre facções, boatos sobre motins: isso era normal. Mas esta situação era diferente: um deles tinha morrido. Isso alterava tudo.

— Afastem-se das ruas — Irial passeou o olhar pelos seus súbditos, tomando nota dos sinais de desacordo, avaliando quem se passaria para o lado de Bananach quando ela comesse a aliciá-los para a sua causa — até sabermos a que ponto estamos enfraquecidos.

— Matemos a nova rainha. As duas — grunhiu um dos Canídeos. — E o Rei do Verão também, se for preciso.

Os outros Canídeos apoiaram o apelo. Os *Ly Ergs*<sup>5</sup> esfregaram as mãos vermelhas de sangue, rejubilantes. Vários dos parentes de Jenny sorriram e assentiram com as cabeças. Bananach ficou sentada em silêncio no meio deles; não precisava de se pronunciar para transmitir a sua posição. A violência era a sua única paixão. Inclinou a cabeça como um pássaro, limitando-se a observar. Irial sorriu-lhe. Ela abriu e fechou a boca com um estalido audível, como se quisesse mordê-lo. Não fez qualquer outro movimento. Ambos sabiam que ela não aprovava os planos de Irial; ambos sabiam que o iria testar. *Mais uma vez*. Se pudesse, matá-lo-ia para mergulhar a corte na discórdia, mas as fadas da Corte das Trevas não podiam matar os seus monarcas.

Os rugidos tornaram-se ensurdecadores, até que Gabriel ergueu uma mão, exigindo silêncio. Quando o ruído decresceu, Gabriel afixou um sorriso ameaçador.

— O vosso rei falou. Vocês *irão* obedecer-lhe.

Ninguém levantou objecções ao grunhido de Gabriel. Depois de, há muitos anos, ele ter chacinado um dos seus próprios irmãos por este ter desrespeitado Irial, raramente alguém se atrevia a contrariá-lo. Se Gabriel tivesse um sentido político à altura da sua violência, Irial tentaria

---

<sup>5</sup> Fadas que envergam uniforme de soldados e cujo sinal mais característico é a mão direita vermelha do sangue das vítimas, do qual se alimentam — *N. do T.*



ceder-lhe o trono. Em tantos séculos que passara à procura de um sucessor, Irial só encontrara uma fada capaz de liderar a sua corte, mas essa fada rejeitara o trono para servir outrem. Irial afastou aquele pensamento. Ainda era responsável pela Corte das Trevas, e pensar no que poderia ter-se passado de maneira diferente não servia de nada. Disse:

— Não estamos suficientemente fortes para lutarmos contra uma corte, e muito menos contra duas ou três coligadas. Algum de vós me pode garantir que esse reizinho e a nova Rainha do Inverno não se fossem unir? Podem garantir-me que Sorcha não tomará partido? — fez uma pausa e sorriu para Bananach — *Sobretudo* por ninguém que se me oponha? A guerra não é o caminho certo.

Não acrescentou que não desejava realmente uma guerra. Pareceria um sinal de fraqueza, e um rei fraco não teria mão na sua corte por muito tempo. Se houvesse alguém que pudesse liderar a corte sem os destruir a todos em excessos desenfreados, Irial afastar-se-ia, mas não era por acaso que o chefe da Corte das Trevas era escolhido de entre as fadas solitárias. Ele comprazia-se com os prazeres das trevas, mas compreendia que as trevas precisavam de luz. A maior parte da sua corte tinha dificuldade em lembrar-se disso — ou talvez nunca o tivessem sabido. Com certeza não gostariam de o ouvir dizê-lo naquele momento.

A Corte das Trevas ia buscar o seu sustento às emoções mais refinadas: o medo, a luxúria, a raiva, a cobiça, a gula, e outras similares. Sob o regime cruel da última Rainha do Inverno — antes de o recentemente nomeado Rei do Verão ter adquirido o seu poder — até o próprio ar os nutria. Beira fora uma rainha maldosa, causando tanto sofrimento às suas próprias fadas como àquelas que ousavam não lhe prestar reverência. Fora relaxante, ainda que nem sempre agradável.

Irial disse apenas:

— Conflitos mais restritos podem criar a energia de que precisamos para nos fortalecermos. Existem muitas fadas de que podem servir-se para se alimentarem.

Numa voz que incomodaria a mais calma das fadas do Inverno, um dos parentes de Jenny perguntou:

— Então vamos simplesmente buscar alimento a qualquer fada que encontremos, ao acaso, como se nada tivesse acontecido? Eu acho que...

Gabriel rugiu-lhe:

— Tu *obedecerás* ao teu rei.

Bananach fez a boca estalar de novo; deu umas pancadinhas no tampo da mesa com as pontas dos dedos parecidos com garras.

— Então o Rei das Trevas não quer lutar? Permitir-nos que nos de-



fendamos? Que nos fortaleçamos? Prefere esperar que fiquemos ainda mais fracos? Ora aí está um plano... *interessante*.

*Desta vez, ela vai causar problemas sérios.*

Outra fada de dentes verdes acrescentou:

— Se lutarmos, talvez alguns de nós pereçam, mas os restantes... uma guerra pode ser muito divertida, meu rei.

— Não — disse Irial, deitando um olhar a Chela, que por vezes acasalava com Gabriel. — Não haverá guerra por agora. Não quero que nenhum de vós pereça. Isso não é uma opção. Encontrarei outra solução — como desejava poder dar-lhes uma explicação que eles compreendessem. Mas não podia.

— Chela, amor? Importas-te? — Irial inclinou a cabeça na direção de um grupo de fadas que sorriam em concordância com a fada de dentes verdes. Falar de desobediência a uma ordem sua era intolerável, especialmente quando um motim estava, uma vez mais, latente nos olhos de Bananach.

Irial acendeu outro cigarro e esperou enquanto Chela deambulava pelo salão. Os canídeos tatuados nos bíceps dela em padrões entrançados abocanhavam-se uns aos outros enquanto lhe corriam pelos braços a um ritmo estonteante. Um zumbido suave emanava dela, algures entre um grunhido e um murmúrio de contentamento. Ao aproximar-se da mesa, pegou na cadeira de uma das criaturas do povo dos cardos, atirando a criatura ao chão ao puxar a cadeira para se instalar no meio das fadas resmungonas.

Vários outros Canídeos espalharam-se através da multidão. Gabriel falara, dissera que apoiariam o Rei das Trevas: teriam de obedecer a Gabriel ou matá-lo. Se ele se tivesse aliado a Bananach, seria inevitável uma guerra entre fadas, mas Gabriel mantinha-se ao lado de Irial há tanto tempo como liderava os Canídeos.

Irial retomou o seu discurso:

— Uma mortal escolheu o meu símbolo para tatuar na sua pele. Dentro de dias, estará ligada a mim. Através dela, poderei alimentar-me tanto de mortais como de fadas; sustentar-vos-ei até termos outra opção.

Por um momento, ninguém reagiu. Depois, ergueram as vozes numa cacofonia deliciosa.

Irial nunca canalizara o seu alimento para eles, mas também nunca necessitara de o fazer. Tinha esse poder. O monarca de uma corte estava ligado a cada fada que lhe jurava lealdade. A sua força dava-lhes força; era simplesmente assim que as coisas funcionavam. Não era uma solução permanente, mas mantê-los-ia vivos até ser possível encontrar uma solução melhor — e que não consistisse numa guerra aberta.





Irial exalou o fumo, vendo-o enrolar-se no ar, sentindo a falta da rainha morta, detestando Keenan por a ter derrotado, e perguntando-se o que teria de fazer para incitar Donia, a nova Rainha do Inverno, a tornar-se tão implacável como a sua predecessora. A aliança entre Keenan e Donia fizera pender o equilíbrio de forças para um grau excessivo de paz, o que era prejudicial para a Corte das Trevas — mas a guerra também não era a solução. A Corte das Trevas não podia sobreviver apenas com base na violência, assim como o terror e a luxúria não bastariam, por si só, para esse fim. O segredo estava no equilíbrio e, numa corte alimentada pelas emoções mais sombrias, a manutenção desse equilíbrio era essencial.

Outra contenda no meio da sala chamou-lhe a atenção. O rugido de Gabriel fez abanar as paredes quando ele esmagou a cara de um *Ly Erg* com a bota, deixando a fada caída suficientemente ensanguentada para criar mais uma mancha no chão. Era evidente que os *Ly Ergs* não estavam a ser tão cooperantes como Gabriel gostaria. Gostavam demasiado de derramar sangue, juntando-se para apoiar Bananach sempre que ela ataçava motins.

Com um sorriso satisfeito, Gabriel ficou a ver o *Ly Erg* rastejar de volta à mesa. Depois, virou-se para Irial e fez uma vénia tão pronunciada que o seu rosto tocou o chão, possivelmente tanto para esconder o sorriso como para mostrar respeito. Disse a Irial:

— Quando fores buscar a tua mortal, iremos contigo para ajudar a disseminar o medo e a confusão entre os mortais. Os Canídeos apoiam a vontade do Rei das Trevas. Isso nunca mudará — o olhar de Gabriel não se desviou para Bananach ou para as fadas ofuscantes que já se tinham colocado ao lado desta, mas a mensagem foi sobejamente clara.

— Eu sei — Irial apagou o cigarro e sorriu ao seu companheiro de maior confiança. Os Canídeos tinham uma capacidade encantadora de induzir o terror, tanto em fadas como em mortais.

— Podíamos conseguir um pouco de medo dos elementos desobedientes deste grupo... — murmurou Gabriel, e os seus Canídeos agarraram algumas das fadas que tinham sorrido em concordância com as sugestões de motim apresentadas momentos atrás. — A Corte das Trevas deve mostrar algum respeito ao seu rei.

As fadas ergueram-se com esforço sobre os pés, garras e patas, fazendo véncias e mesuras. Bananach não se mexeu.

Gabriel fixou os olhos nos dela e sorriu outra vez. Naquela noite, não haveria mais objecções declaradas ou discussões. Gabriel organizaria as fadas e, se estas se recusassem a cooperar com as precauções de Irial,



ameaçá-las-ia. Seriam obedientes a um nível quase perverso. *Por agora.* Depois, Bananach intensificaria as suas investidas.

*Mas não naquela noite — não ainda.*

— Hoje, vamos festejar em memória da nossa irmã falecida — a um sinal de Irial, vários dos Canídeos de Gabriel trouxeram um conjunto de fadas aterrorizadas que tinham ido buscar às outras cortes. Não havia nenhuma da Corte Suprema — o que não era de espantar, visto que era raríssimo as fadas da Corte Suprema saírem da sua reclusão — mas havia fadas da Corte do Inverno e da Corte do Verão.

Irial apertou uma trémula Menina do Verão nos braços. As trepa-deiras que se colavam à pele da fada murcharam ao seu toque. Ela estava de tal forma dominada pelo terror e pela repugnância que, por um breve instante, Irial pensou em partilhá-la com os outros, mas era suficientemente egoísta para a querer só para si. As meninas especiais de Keenan eram sempre uma iguaria refinadíssima. Se fosse cuidadoso, poderia retirar delas quantidades suficientes de volúpia e medo para saciar a fome durante uns dias. Algumas vezes, conseguira deixá-las tão viciadas que haviam voltado voluntariamente aos seus braços para visitas regulares — ao mesmo tempo que o detestavam por as fazer trair o seu rei. Era muito compensador.

Irial susteve o olhar da rapariga enquanto declarava à sua corte:

— Os monarcas deles fizeram isto, trouxeram-nos a esta situação quando mataram Beira. Lembrem-se disso quando lhes mostrarem a vossa hospitalidade.



CAPÍTULO 4

**A**loja de tatuagens estava vazia quando Leslie entrou. Nem uma voz quebrava o silêncio da sala. Até a aparelhagem estava desligada.  
— Sou eu — chamou.

Dirigiu-se à divisão das traseiras onde Rabbit faria o trabalho. O papel com o *stencil* da sua tatuagem esperava num tabuleiro sobre o balcão, ao lado de uma lâmina de barbear descartável e de diversos outros itens.

— Venho um pouco adiantada.

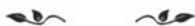
Rabbit olhou-a por um momento, mas não disse nada.

— Disseste que podíamos começar esta noite. Faz os contornos — Leslie aproximou-se para ver melhor o *stencil*. Porém, não lhe tocou, com um receio estranho de que desaparecesse se o fizesse.

Por fim, Rabbit disse:

— Deixa-me atender a porta.

Na ausência dele, Leslie passeou-se pela pequena divisão — mais para se impedir de tocar no *stencil* do que por qualquer outro motivo. As paredes estavam cobertas por diversos folhetos alusivos a espectáculos e congressos — a maioria deles já desbotados, referentes a eventos ocorridos há muito. Algumas fotografias emolduradas, todas a preto-e-branco,



e cartazes de filmes do tamanho usado nos cinemas misturavam-se com os folhetos. Como acontecia em toda a loja, aquele quartinho estava incredivelmente limpo e havia um ligeiro odor a anti-séptico no ar.

Leslie parou junto a várias fotografias, sem reconhecer a maioria das pessoas ou dos locais. Intercalados entre elas, havia desenhos a caneta de tinta permanente emoldurados. Num deles, bandidos da era de Capone sorriam para o artista. Eram tão realistas como qualquer fotografia e estavam de tal forma bem feitos que pareciam deslocados entre os instantâneos e os cartazes. Rabbit voltou quando ela estava a acompanhar com o dedo o perfil de um homem assombrosamente belo sentado no meio de um grupo de gângsteres. Todos eles eram impressionantes, mas era aquele, encostado a uma velha árvore retorcida, que lhe parecia quase familiar. Os outros agrupavam-se à sua volta, a seu lado ou atrás dele, mas era claramente ele quem detinha o poder. Perguntou:

— Quem é este?

— São parentes — foi a resposta lacónica de Rabbit.

A atenção de Leslie manteve-se concentrada no desenho. O homem retratado vestia um fato escuro, tal como os outros, mas a sua postura — arrogante e ajuizadora — conferia-lhe um aspecto mais ameaçador do que o dos homens que o rodeavam. Ali estava alguém a temer.

Rabbit aclarou a garganta e apontou para a sua frente.

— Vá lá. Não posso começar enquanto não fores para ali.

Leslie forçou-se a desviar o olhar da imagem. De qualquer forma, temer — *ou desejar* — alguém que seria hoje muito velho ou estaria morto há muito não lhe parecia normal. Dirigiu-se ao sítio para onde Rabbit apontara, virou as costas para ele e tirou a blusa.

Rabbit enfiou-lhe um pano qualquer sob a alça do sutiã.

— Para não se sujar.

— Se ficar sujo de tinta ou de outro produto qualquer, não é grave — Leslie cruzou os braços sobre o peito e tentou manter-se quieta. Apesar do quanto desejava aquela tatuagem, sentia-se desconfortável ali, de pé, em sutiã.

— Tens a certeza?

— Absoluta. Não vou arrependê-me. A verdade é que está a começar a tornar-se quase uma obsessão. Cheguei a sonhar com isto. Com os olhos e as asas — corou, agradecida por Rabbit estar por detrás dela e não poder ver-lhe o rosto.

Ele limpou-lhe a pele com um produto frio.

— Faz sentido.

— Claro que faz — apesar de tudo, Leslie sorriu: o Rabbit não se per-



turbava com nada, agia sempre como se as coisas mais estranhas fossem normais. Isso fê-la relaxar um pouco.

— Fica quieta — Rabbit rapou-lhe os pêlos finos sobre o sítio onde a tatuagem ficaria e limpou-a outra vez com mais líquido frio.

Leslie deitou uma olhadela para trás quando ele se afastou. Rabbit atirou a lâmina de barbear para o caixote do lixo, detendo-se para lhe dirigir um olhar sério antes de se vir pôr novamente atrás dela. Leslie observava-o por cima do ombro.

Ele pegou no *stencil*.

— Olha para aquele lado.

— Onde está a Ani? — haviam sido muito poucas as vezes em que Leslie estivera na loja sem que Ani aparecesse, geralmente com Tish atrelada. Era como se Ani tivesse um radar capaz de detectar as pessoas sem se perceber bem como.

— A Ani precisava de descansar — Rabbit colocou-lhe uma mão na anca e fê-la mudar de posição. Depois, borrifou-lhe as costas levemente no sítio onde ficaria a tatuagem — no cimo da coluna vertebral, entre os ombros, abarcando toda a largura das costas, centrada sobre o ponto de onde Leslie calculava que as asas nasceriam se fossem reais. Leslie fechou os olhos quando ele lhe pressionou o *stencil* contra as costas. De alguma forma, até aquilo era excitante.

Depois, ele retirou o papel.

— Vê se é aí que a queres.

Leslie foi até ao espelho tão depressa quanto podia sem correr. Usando o espelho de mão para ver o seu reflexo no espelho de parede, contemplou-a — a sua tatuagem, a sua tatuagem perfeita desenhada na sua pele — e fez um sorriso tão largo que ficou com as faces doridas.

— Sim. Meu Deus, sim.

— Senta-te — Rabbit apontou para a cadeira.

Ela sentou-se na ponta da cadeira e ficou a ver Rabbit calçar metodicamente as luvas, abrir a embalagem de uma vareta esterilizada, usá-la para tirar de um frasco uma gota de um unguento claro e depositá-la num tabuleiro coberto por um pano. Foi buscar vários pequenos receptáculos de tinta e colocou-os sobre o mesmo pano. Depois, encheu-os de tinta.

*Já vi isto imensas vezes; não é nada de especial.* Mesmo assim, Leslie não conseguia desviar os olhos.

Rabbit executava cada passo em silêncio, como se ela não estivesse ali. Abriu a embalagem da agulha e retirou de lá um pedaço comprido de metal fino. Parecia ser apenas uma agulha, mas Leslie já aprendera, nas horas intermináveis que passara a ouvir Rabbit conversar com os clientes,



que eram várias agulhas individuais presas na ponta de uma bateria de agulhas. *As minhas agulhas, para a minha tatuagem, na minha pele.* Rabbit enfiou a barra de agulhas na máquina. O som suave de metal a deslizar contra metal foi seguido por um ruído seco quase inaudível. Leslie soltou o ar que nem se tinha apercebido de ter estado a reter. Se achasse que Rabbit o permitiria, pedir-lhe-ia que a deixasse segurar na máquina de tatuar, envolver com a mão os pedaços de metal de aspecto primitivo, em forma de espirais e ângulos. Em vez disso, ficou a ver Rabbit ajustá-la. Estremeceu. Parecia uma máquina de costura manual rudimentar e, com aquele instrumento, ele coseria beleza no seu corpo. Havia algo de primeiro naquele processo que ressoava dentro dela, uma certeza de que, depois disto, ficaria irremediavelmente modificada, e era exactamente disso que precisava.

— Vira-te para ali — ordenou Rabbit, e ela moveu-se, ficando de costas para ele. Ele espalhou-lhe unguento sobre a pele com um dedo revestido de látex. — Estás pronta?

— Mm-hmm — Leslie preparou-se, pensando por um instante se doeria, mas sem se importar. Algumas das pessoas que vira haviam-se queixado de que a dor era insuportável. Outras pareciam nem dar por ela. *Vai correr bem.* O primeiro toque das agulhas surpreendeu-a, uma sensação aguda, mais de irritação do que de dor. Estava longe de ser horrível.

— Estás bem? — Rabbit fez uma pausa, interrompendo o contacto das agulhas enquanto falava.

— Mm-hmm — disse ela outra vez: era a resposta mais elaborada que conseguia dar naquele momento. Então, depois de uma pausa tão prolongada que quase a fez implorar-lhe que continuasse, Rabbit aproximou-lhe mais uma vez a máquina de tatuar da pele. Nenhum dos dois falou enquanto ele desenhava os contornos da tatuagem. Leslie fechou os olhos e concentrou-se na máquina que zumbia e parava, erguendo-se-lhe da pele e baixando-se para a tocar de novo. Não conseguia vê-la, mas já tinha visto Rabbit trabalhar vezes suficientes para saber que, em algumas daquelas pausas, ele mergulhava a ponta da agulha nos receptáculos de tinta, como um escritor a molhar a sua pena.

E ficou ali sentada, de costas estendidas em frente dele como uma tela viva. Era maravilhoso. O único som audível era o zumbido da máquina. Mas era mais do que um som: era uma vibração que parecia infiltrar-se-lhe na pele e penetrar-lhe na medula dos ossos.

— Podia ficar assim para sempre — sussurrou, de olhos ainda fechados.



Um riso sombrio ressoou, vindo de algum lado. Leslie abriu os olhos num ápice.

— Está aqui alguém?

— Estás cansada. Este mês, tens tido a escola e turnos suplementares, não é? Talvez tenhas passado pelas brasas — Rabbit inclinou a cabeça daquela forma peculiar que partilhava com as irmãs, como um cão a ouvir um som novo.

— Estás a dizer que adormeci *sentada* enquanto me estavas a tatuar?

— Leslie virou-se para o olhar e franziu o sobrolho.

— Talvez — ele encolheu os ombros e voltou-se para abrir um frasco de vidro fumado. Era diferente dos outros frascos de tinta: a etiqueta estava escrita à mão, numa língua que ela não reconheceu.

Quando o destapou, pequenas sombras pareceram escapar-se lá de dentro. *Que estranho*. Leslie pestanejou e fixou o olhar no frasquinho.

— *Devo mesmo* estar cansada — murmurou.

Rabbit deitou tinta do frasco para outro receptáculo de tinta — segurando-o bem alto para que a parte de fora do frasco não tocasse na borda do receptáculo — e depois selou o frasco e trocou de luvas.

Leslie reposicionou-se e voltou a fechar os olhos.

— Estava à espera que doesse, sabes?

— E dói *mesmo* — então, ele baixou mais uma vez a máquina de tatuar até à pele dela e Leslie esqueceu-se de como se falava.

Quando Leslie ouvia Rabbit trabalhar, aquele zumbido fora sempre um som reconfortante, mas sentir a vibração na pele tornava-o excitante e nada reconfortante. Era uma sensação diferente da que imaginara, mas não era o que chamaria dor. Mesmo assim, duvidava que pudesse ter adormecido durante o processo.

— Estás bem? — Rabbit limpou-lhe a pele outra vez.

— Estou ótima — sentia-se lânguida, como se os seus ossos já não fossem totalmente sólidos. — Continua.

— Hoje não.

— Podíamos acabá-la esta noite...

— Não. Esta precisa de mais umas sessões — Rabbit ficou em silêncio enquanto lhe limpava a pele. Afastou a cadeira para trás; as rodas pareciam demasiado barulhentas ao deslizarem pelo chão, como um pedregulho a ser empurrado através de uma grelha de metal.

*Que estranho*.

Leslie espreguiçou-se — e quase desmaiou.

Rabbit amparou-a.

— Espera um segundo.



— Foi só uma espécie de tontura — Leslie pestanejou para clarear a visão, resistindo à tentação de tentar focá-la nas sombras que pareciam passear-se pela divisão, sem estarem ligadas a nada.

Mas Rabbit estava ali, mostrando-lhe a tatuagem — *a minha tatuagem* — com um par de espelhos de mão. Tentou falar, e talvez tivesse falado. Não tinha a certeza. O tempo parecia estar descontrolado, acelerando e abrandando, acompanhando o ritmo de algum relógio caótico longínquo, submetendo-se a ritmos impossíveis de prever. Rabbit estava a cobrir a sua nova tatuagem com uma compressa esterilizada. Ao mesmo tempo, parecia-lhe que o braço dele a envolvia, ajudando-a a manter-se de pé.

Deu uns passos incertos em frente.

— Cuidado com as minhas asas.

Tropeçou. *Asas?*

Rabbit não disse nada; talvez não tivesse ouvido ou percebido. Talvez ela não tivesse falado — mas conseguia imaginá-las — escuras, sombrias e ágeis, algures entre penas e cabedal envelhecido liso e macio, fazendo-lhe cócegas na pele sensível da parte de trás dos joelhos.

*Tão macias como eu as recordava.*

— Rabbit? Sinto-me esquisita. Maldisposta. Alguma coisa está errada.

— É um afluxo de endorfinas, Leslie, que te faz sentir excitada. Vais ficar bem. É normal — não a olhou ao falar e ela soube que ele estava a mentir.

Pressentia que devia estar assustada, mas não estava. O Rabbit mentira: alguma coisa *estava* muito errada. Soube com uma certeza que parecia impossível — como provar açúcar e chamar-lhe sal — que as palavras que ele dissera não sabiam a verdadeiras.

Mas, afinal, não interessava. Os ponteiros que faltavam ao relógio do caos deslocaram-se novamente, e nada mais interessava naquele momento além da tatuagem na sua pele, do zumbido nas suas veias, do silvo eufórico que lhe dava uma confiança que há demasiado tempo não sentia.





## CAPÍTULO 5

**A** pesar de Rabbit lhe ter dito onde a encontrar, Irial ainda não se aproximara da mortal; não tinha a menor intenção de o fazer até saber se ela era mesmo suficientemente forte para valer o esforço. Mas, quando sentiu estabelecer-se a primeira frágil conexão entre eles, quando sentiu a euforia dela enquanto a máquina de tatuar de Rabbit dançava sobre a sua pele, soube que tinha de a ver. Era como uma compulsão a empurrá-lo — e não só a ele: *todas* as fadas das trevas a sentiram, ligadas como estavam a Irial. Agora, protegê-la-iam, lutariam para estar perto dela.

E era conveniente alimentar aquele impulso — o facto de estarem perto dela significaria que importunariam e atormentariam os mortais, provocariam medo e angústia, desejos e fúrias, iguarias deliciosas que lhe saciariam o apetite assim que a partilha da tatuagem estivesse completa. Onde a rapariga fosse, seria seguida pelas fadas. Os mortais transformar-se-iam num festim para o rei e a sua corte — até agora, só tivera pequenas amostras do que se seguiria, mas já se sentia revigorado. *Trevas no seu rasto, para mim, para nós.* Inspirou fundo, inalando aquela ligação ainda ténue que Rabbit estava a criar com a sua máquina de tatuar.



Irial racionalizou a questão: se ia estar ligado a ela, fazia sentido mantê-la debaixo de olho. Ela constituiria, para si, uma responsabilidade, um fardo, e, em muitos sentidos, uma fraqueza. Mas, apesar de todos os argumentos que podia enumerar, sabia que não era a lógica que o guiava: era o desejo. Felizmente, o rei da Corte das Trevas não via motivo para resistir aos seus apetites, por isso chamou Gabriel e pôs-se a caminho da cidade dela, buscando a sua presença como buscara tantos outros prazeres ao longo dos anos. Recostou-se para trás, com o banco totalmente reclinado, apreciando a excitação que lhe causava a condução aparentemente temerária de Gabriel.

Irial apoiou uma bota na porta e Gabriel resmungou.

— Está pintada de fresco, Iri. Vá lá.

— Calma.

O Canídeo abanou a cabeça peluda.

— Eu não ponho as botas em cima da tua cama, nem daqueles sofrazinhos que tens espalhados por toda a parte. Tira a bota daí antes que risques a pintura.

Como todos os corcéis dos Canídeos, o de Gabriel disfarçava-se de veículo mortal, assumindo essa forma com tanto realismo que, por vezes, era difícil recordar a última vez que aparecera como o animal terrível que realmente era. Talvez fosse uma extensão da vontade de Gabriel; talvez fosse um capricho do próprio corcel. Todos eles imitavam tão bem veículos mortais que era fácil esquecer que, na verdade, eram seres vivos — excepto quando alguém, além dos Canídeos, tentava conduzi-los. Nessas ocasiões, a sua natureza tornava-se óbvia: a velocidade a que se moviam atirava a fada — ou o mortal — prevaricador pelo ar, na direcção do alvo escolhido pela besta.

Gabriel conduziu o seu Mustang para o pequeno parque de estacionamento junto ao Verlaine's, o restaurante onde a mortal trabalhava. Irial baixou o pé, arranhando a janela com a bota ao fazê-lo, a ilusão de se tratar de uma máquina não se alterou um milímetro.

— Vestuário adequado, Gabe. Muda de roupa — enquanto Irial falava, a sua própria aparência alterou-se. Se algum mortal estivesse a observá-lo, teria visto as suas calças de ganga e t-shirt clubística transformarem-se num par de calças vincadas e numa camisa conservadora de tecido azul-escuro. No entanto, manteve as botas coçadas. Não era o seu disfarce habitual, mas não queria que a mortal o reconhecesse mais tarde. Este encontro era para ele, para que ele pudesse analisá-la; preferia que ela não o recordasse depois.

— *Um rosto para mostrar aos rostos que vamos encontrar — mas não*



*o meu rosto; nem sequer a máscara que uso para os mortais. Camadas de ilusões...*

Irial franziu o sobrolho, sem saber bem de onde vinha a estranha melancolia que o invadia, e fez um gesto a Gabriel, indicando-lhe que vestisse também roupas de aspecto inofensivo.

— Põe-te bonito.

A mudança de aparência de Gabriel foi mais subtil do que a de Irial: continuou de calças de ganga pretas e de camisa sem colarinho, mas as tatuagens dos Canídeos ficaram escondidas sob mangas compridas. O seu cabelo desgrenhado parecia bem cortado, tal como a barbicha e as patilhas. Como acontecia com Irial, aquele não era o disfarce habitual de Gabriel. O seu rosto estava, de algum modo, mais suave, sem as sombras escuras e as faces cavadas que geralmente deixava visíveis para os mortais. Claro que o novo disfarce não alterou a altura intimidante do Canídeo, mas, para Gabriel, era quase conservador.

Quando saíram do carro, Gabriel mostrou os dentes a vários guardas da Corte do Verão, num sorriso escarninho. Não havia dúvida de que estavam a tomar conta da mortal, por ela ser amiga da nova Rainha do Verão. Os guardas viram-no como ele realmente era e retraíram-se. Se Gabriel causasse sarilhos, eles ficariam inevitavelmente bastante feridos.

Irial abriu a porta.

— Agora não, Gabriel.

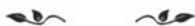
Depois de deitar um olhar nostálgico às fadas que estavam por ali, Gabriel entrou no restaurante. Numa voz baixa, Irial disse-lhe:

— Depois de comermos, podes ir visitar os nossos guardiões. Um pouco de terror tão perto da rapariga... é para isso que ela serve, não é? Veremos como a ligação inicial se aguenta.

Então, Gabriel sorriu, saboreando de antemão uma dosezinha de conflito com os guardas da Corte do Verão. A presença deles significava que nem a Corte do Inverno nem a do Verão iriam fazer mal à rapariga, e nenhuma fada solitária seria suficientemente idiota para se meter com uma mortal tão cuidadosamente vigiada. Claro que também significava que Irial ainda se divertiria mais ao roubá-la sem que eles se dessem conta até que fosse tarde demais.

— São só os dois? — perguntou a encarregada, uma mortal bastante desenxabida com um sorriso atrevido.

Um olhar rápido ao mapa junto ao posto da encarregada revelou a Irial quais as mesas que faziam parte da secção da sua mortal. Fez um gesto na direcção de uma mesa no canto mais afastado, uma secção sombria adequada para jantares românticos ou encontros ilícitos.



— Ficamos com aquela mesa lá atrás. Junto à figueira.

Depois de a encarregada os ter levado até à mesa em questão, Irial esperou até que ela — *Leslie* — se aproximasse, de ancas ligeiramente oscilantes, ostentando uma expressão amigável e acolhedora. Aquele olhar funcionaria bem se ele fosse o mortal que parecia ser. Sendo ele o que era, foram as sombras que dançavam à volta dela e os tentáculos finos como fumo que serpenteavam da pele dela para a dele — visíveis apenas para as fadas das trevas — que o fizeram sustar a respiração.

— Olá, sou a Leslie. Vou servir-vos esta noite — disse ela, colocando um cesto de pão fresco sobre a mesa. Depois, lançou-se numa ladainha sobre pratos do dia e outros disparates que ele nem sequer ouviu. Os lábios dela eram demasiado finos para o gosto de Irial, e estavam só ligeiramente escurecidos com um produto qualquer cor-de-rosa, de menina. *Não serve de todo para a minha mortal*. Mas as sombras que se lhe colavam tão firmemente à pele eram perfeitamente adequadas à sua corte. Estudou-a, lendo-lhe os sentimentos, agora que estavam ligados, mesmo sendo essa ligação ainda tão subtil. Quando a conhecera, ela estava manchada, mas agora as trevas envolviam-na completamente. Alguém a magoara, e muito, desde a primeira vez que a vira.

A fúria por alguém ter tocado naquilo que lhe pertencia foi temperada pela compreensão do que aquilo significava. O que lhe haviam feito — e a capacidade dela de resistir às trevas — eram esses os motivos pelos quais ela estava pronta para ser dele. Se não a tivessem ferido, ela ser-lhe-ia inacessível. Se ela não tivesse resistido às trevas com tanto êxito, não seria suficientemente forte para aguentar o que ele estava prestes a fazer-lhe. Ela fora danificada, mas não de forma irreparável. Estava fragmentada e forte, a mistura perfeita para ele.

Mas não deixaria de os matar por lhe terem tocado.

Agora silenciosa, tendo obviamente esgotado as recomendações sobre o menu, Leslie ficou ali de pé, olhando-o expectante. Tirando uma olhadela rápida a Gabriel, a sua atenção estava concentrada em Irial. Este ficou mais satisfeito do que esperava por ver a mortal olhá-lo tão intensamente. Gostou da ânsia dela.

— Leslie, podes fazer-me um favor?

— Senhor? — Leslie sorriu outra vez, mas parecia hesitante. Sentiu uma pontada de medo, que se traduziu numa ligeira deslocação de sombras, o que fez o coração de Irial acelerar-se.

— Não me consigo decidir — Irial atirou um olhar furioso a Gabriel, cujo riso abafado se transformou numa tosse ruidosa — em relação aqui ao menu. Podes pedir por mim?



Leslie franziu o sobrolho e olhou para trás, para a encarregada, que agora os observava atentamente.

— Se é um cliente habitual, peço desculpa, mas não me lembro...

— Não. Não sou — Irial passou-lhe um dedo pelo pulso, infringindo a etiqueta dos mortais, mas incapaz de resistir. Ela pertencia-lhe. Ainda não era oficial, mas isso não importava. Sorriu-lhe, deixando o seu disfarce cair por uma fracção de segundo, mostrando-lhe o seu verdadeiro rosto — testando-a, procurando medo ou desejo — e acrescentou: — Pede o que te parecer do nosso gosto. Surpreende-me. Aprecio uma boa surpresa.

A expressão de Leslie vacilou um pouco; o seu pulso alterou-se. E ele *sentiu-o*, o breve acesso de pânico. Não conseguiu saboreá-lo, ainda não, não totalmente, mas quase — como um aroma acre emanando de uma cozinha, trazendo sugestões provocadoras de sabores que ele não podia provar.

Abriu a cigarreira lacada a preto que ultimamente preferia e tirou de lá um cigarro, observando-a enquanto ela tentava decifrá-lo.

— Podes fazer isso, Leslie? Tomar conta de mim?

Ela assentiu com a cabeça, devagar.

— Tem algumas alergias, ou...

— Não, a nada que conste do vosso menu. Nenhum de nós tem — bateu com o cigarro na mesa, compactando-o, olhando-a fixamente até ela desviar o olhar.

Leslie deitou uma olhadela a Gabriel.

— Também peço para si?

Gabriel encolheu os ombros enquanto Irial dizia:

— Sim, para nós os dois.

— Tem a certeza? — Leslie olhou-o com intensidade, e Irial suspeitou que ela já estava a sentir algumas das alterações que em breve a subjugariam. Os olhos haviam-se-lhe dilatado ligeiramente quando o seu medo se intensificara e depois diminuía. Mais tarde, nessa noite, quando pensasse nele, seria apenas como um homem peculiar, memorável apenas por isso. A sua mente ainda demoraria algum tempo a permitir-lhe assimilar o quanto o seu corpo estava a mudar. Os mortais tinham tantas defesas mentais para racionalizar as coisas que iam contra as suas regras e ideias preconcebidas. Às vezes, essas defesas eram-lhe bastante úteis.

Acendeu o cigarro, fazendo tempo só para a ver debater-se um pouco mais. Ergueu-lhe a mão e beijou-lhe os nós dos dedos, uma vez mais de forma totalmente desajustada ao disfarce que usava e ao cenário.



— Estou convencido de que vais trazer-me exactamente o que eu preciso.

O terror voltou a emergir, misturado com uma inequívoca explosão de desejo e uma ponta de raiva. No entanto, o sorriso dela manteve-se firme.

— Então vou fazer o vosso pedido — disse, dando um passo atrás e soltando a mão da dele.

Irial deu uma passa no cigarro, vendo-a afastar-se. A linha escura como fumo entre eles alongou-se e desenrolou-se pelo salão, como um caminho que ele pudesse seguir.

*Em breve.*

À porta, ela olhou de novo para ele, e Irial quase pôde saborear o terror que a invadia.

Lambeu os lábios.

*Muito em breve.*



## CAPÍTULO 6

Leslie deslizou para dentro da cozinha, apoiou-se na parede e tentou não se ir abaixo. As mãos tremiam-lhe. Teria de ser outra pessoa a tratar daquele cliente estranho; as atenções dele assustavam-na, tal como o seu olhar demasiado intenso e as suas palavras.

— Estás bem, *ma belle*? — perguntou o chefe de pastelaria, Étienne. Era um homem duro, com mau feitio, que se exaltava com as coisas mais inesperadas, mas era também irracionalmente gentil. Naquela noite, parecia estar numa fase simpática, pelo menos naquele momento estava.

— Claro — Leslie arvorou novamente um sorriso, mas não conseguiu ser convincente.

— Estás maldisposta? Com fome? Sentes-te fraca? — incitou Étienne.

— Estou ótima, foi só um cliente exigente, demasiado invasivo, demasiado tudo. Ele quer... talvez tu possas decidir o que lhe levar... — interrompeu-se, sentindo-se inexplicavelmente zangada consigo própria por pensar, ainda que por um breve segundo, em pedir a outra pessoa que encomendasse a comida *dele*. Não. Não podia ser. A sua ira e o seu medo atenuaram-se. Endireitou os ombros e desbobinou uma lista dos seus pratos preferidos, com *marquise* de chocolate e tudo.



— Isso não está no menu de sobremesas desta noite — protestou um dos cozinheiros estagiários.

Étienne piscou o olho.

— Para a Leslie, está. Tenho sobremesas de emergência para ocasiões especiais.

Leslie sentiu-se irracionalmente aliviada por a especialidade de Étienne, de chocolate encharcada em rum, estar disponível. Não era que o cliente a tivesse pedido, mas ela queria levar-lha, queria agradecer-lhe.

— És o maior.

— *Oui*, eu sei — Étienne encolheu os ombros como se não tivesse ligado à observação, mas o seu sorriso traiu-o. — Devias dizer isso ao Robert. Muitas vezes. Ele esquece-se da sorte que tem por eu estar aqui.

Leslie riu-se, relaxando um pouco perante o encanto irresistível de Étienne. Não era segredo nenhum que o dono do restaurante, Robert, faria praticamente qualquer coisa para agradar a Étienne, um facto que este fingia não notar.

— O pedido da mesa seis está pronto — gritou outra voz, e Leslie retomou o seu trabalho, com o sorriso de novo no seu lugar enquanto pegava nos pratos fumegantes.

Ao longo do seu turno, Leslie deu por si a olhar para os dois estranhos clientes tantas vezes que tinha dificuldade em concentrar-se nas suas outras mesas.

*Se continuo assim, vou receber poucas gorjetas.*

Não era que fosse invulgar os clientes tocarem-lhe. Os homens pareciam pensar que, porque servia às mesas, ela se impressionaria facilmente com um pouco de encanto e poder de compra. Leslie sorria e namoriscava um pouco com os clientes masculinos; sorria e ficava um pouco mais de tempo a ouvir os clientes mais idosos; e sorria e dava atenção às famílias com crianças. A maneira de fazer as coisas no Verlaine's era simples. Robert gostava que o pessoal que servia às mesas tratasse os clientes de forma personalizada. Claro que isso terminava à porta do restaurante. Leslie não saía com ninguém que tivesse conhecido no trabalho; nem sequer dava o número de telefone.

*Mas, no entanto, a ele, dá-lo-ia.*

Ele parecia sentir-se confortável na sua pele, mas também dava a impressão de saber defender-se nas partes mais perigosas da cidade. E era belo — não as feições, mas o modo como se movia. Fazia-lhe lembrar Niall. *E, provavelmente, está igualmente indisponível.*

Além disso, o cliente observava-a de uma forma muito semelhante à de Niall — deitando-lhe olhares atentos e sorrisos prolongados. Se um





tipo a olhasse assim num bar, ela ficaria à espera que se atirasse a ela. Niall não o fizera, apesar do seu encorajamento; talvez este também não fosse mais longe.

— Leslie? — o cliente não podia ter falado suficientemente alto para ela o ouvir, mas ouvira-o. Virou-se e ele fez-lhe sinal para se aproximar.

Ela acabou de anotar um pedido de um dos clientes que ali iam todas as semanas e mal conseguiu resistir ao impulso de correr pelo salão fora. Percorreu o espaço entre as mesas sem tirar os olhos dele, contornando o ajudante às mesas e outro empregado, parando e passando pelo meio de um casal que ia a sair do restaurante.

— Precisa de alguma coisa? — a voz saiu-lhe demasiado suave, demasiado ofegante. Uma breve centelha de embaraço dominou-a e depois desapareceu, tão depressa como surgira.

— Tu... — Irial interrompeu-se, sorrindo para alguém atrás dela, parecendo que ia desatar a rir a qualquer momento.

Leslie voltou-se. Um grupo de gente que não conhecia formava um pequeno círculo à volta de Aislinn, que lhe acenava. Os amigos não eram bem-vindos no local de trabalho; Aislinn sabia isso, mas começou a atravessar o salão na direcção de Leslie. Esta voltou o olhar para o cliente.

— Peço desculpa. Só um segundo?

— Não há problema nenhum, querida — Irial puxou de outro cigarro, cumprindo o mesmo ritual de anteriormente — fechando a cigarreira com um estalido, batendo com o cigarro no tampo da mesa e abrindo o isqueiro. O seu olhar não se desviou dela. — Eu não vou a lado nenhum.

Leslie virou-se e encarou Aislinn.

— O que estás a fazer? Não podes, simplesmente...

— A encarregada disse que eu podia pedir-te que nos servisses — Aislinn designou, com um gesto, o grupo alargado que viera com ela. — Não há mesa na tua secção, mas eu queria que fosses tu.

— Não posso — disse Leslie. — Tenho a minha secção cheia.

— Uma das outras empregadas podia ficar com as tuas mesas, e...

— E com as minhas gorjetas — Leslie abanou a cabeça. Não queria dizer a Aislinn o quanto precisava daquele dinheiro ou como o estômago se lhe apertava perante a perspectiva de abandonar o cliente sinistramente envolvente sentado atrás de si. — Desculpa, Ash. Não posso.

Mas a encarregada aproximou-se e disse:

— Podes tratar do grupo e das tuas mesas, ou tenho de pedir a alguém que fique com as tuas mesas para poderes ir servi-los?

Leslie foi acometida por um acesso de fúria, breve mas forte. Custou-lhe, mas conseguiu manter o sorriso no lugar.



— Posso tratar das duas coisas.

Deitando um olhar hostil à mesa por detrás de Leslie, Aislinn voltou para junto do seu grupo. A encarregada também se afastou, e Leslie ficou a ferver de cólera. Virou-se para o encarar.

Irial deu uma longa passa no cigarro e expeliu o fumo.

— Bem, bem. Ela parece possessiva. Suponho que aquele olhar queria dizer não-toques-na-minha-amiga?

— Peço desculpa por isso — Leslie retraiu-se.

— Vocês andam juntas?

— Não — Leslie corou. — Eu não sou... quero dizer...

— Há mais alguém? Um amigo dela com quem saias? — a voz dele era tão deliciosa como a melhor das sobremesas de Étienne, rica e decadente, feita para ser saboreada.

Inesperadamente, pensou em Niall, o seu namorado ideal. Abanou a cabeça.

— Não. Não há ninguém.

— Então talvez eu deva voltar numa noite menos concorrida? — Irial passou-lhe o dedo pela parte de baixo do pulso, tocando-a pela terceira vez.

— Talvez — Leslie teve vontade de fugir — não porque ele se tivesse tornado menos tentador, mas porque estava a olhá-la tão intensamente que ela teve a certeza de que ele era tudo menos de confiança.

Irial tirou do bolso uma mão-cheia de notas.

— Pelo jantar.

Então, levantou-se e aproximou-se o suficiente dela para lhe fazer renascer o instinto de fuga; de repente, Leslie sentiu náuseas. Ele enfiou-lhe o dinheiro na mão.

— Vemo-nos uma noite destas.

Leslie deu uns passos atrás, afastando-se dele.

— Mas a sua comida ainda não está pronta.

Ele seguiu-a, invadindo-lhe o espaço, aproximando-se tanto que uma proximidade tal só seria justificada se estivessem prestes a dançar ou a beijar-se.

— Não sou bom a partilhar.

— Mas...

— Não te preocupes, querida. Voltarei quando a tua amiga não estiver cá para me tratar mal.

— Mas o seu jantar... — Leslie baixou o olhar do rosto dele para as notas que segurava. *Oh meu Deus*. O sobressalto arrancou-a da sua confusão, ao aperceber-se da quantia que tinha na mão: eram todas notas altas. Tentou imediatamente devolver algumas. — Espere. Enganou-se.



— Não me enganei nada.

— Mas...

Ele inclinou-se para ela e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Tu mereces que eu esvazie os meus cofres por ti.

Por um momento, pareceu-lhe que sentia qualquer coisa macia a enrolar-se à sua volta. *Asas*.

Depois, ele recuou.

— Vai tratar da tua amiga. Vemo-nos outra vez quando ela não estiver à espreita.

E foi-se embora, deixando-a imóvel no meio do salão, agarrada a mais dinheiro do que alguma vez vira na vida.

## CAPÍTULO 7

Quando Niall chegou ao Verlainés, Irial já tinha saído. Dois dos guardas do lado de fora do restaurante estavam a sangrar bastante de marcas de dentes nos braços. Uma parte dele desejou, com algum embaraço, ter sido chamado mais cedo, mas afastou esse pensamento antes que se tornasse algo a que tivesse de prestar atenção. Quando Irial agia contra as fadas da Corte do Verão, Niall era sempre convocado. Geralmente, o Rei das Trevas recusava-se a atacar Niall. Gabriel, por outro lado, não tinha pruridos em ferir Niall e, muitas vezes, tornava-se mais violento para com Niall quando Irial estava por perto.

— Aquele Gabriel — queixou-se um dos homens-salgueiro, estremeecendo — simplesmente chegou aqui e atacou-nos.

— Porquê? — Niall olhou à sua volta, procurando uma pista, uma indicação do motivo que levara Gabriel a agir assim. Niall podia preferir evitar a mão esquerda do Rei das Trevas sempre que possível, mas não esquecera o que aprendera na Corte das Trevas: Gabriel nunca agia sem um motivo. Podia não ser um motivo compreensível para a Corte do Verão, mas havia sempre um motivo. Niall sabia-o. Era, em parte, por isso que tinha tanto valor para a Corte do Verão: compreendia as tendências menos brandas das outras cortes.



— A rapariga mortal falou com o Gabriel e o Rei das Trevas — disse uma mulher-salgueiro, enquanto enfaixava os seus bíceps ensanguentados. Prendeu a ponta de uma faixa de teia de aranha entre os dentes para ligar o braço. Niall ter-se-ia oferecido para ajudar, mas sabia que ela fora treinada pelas fadas fluviais. Isso fazia dela uma grande lutadora, mas também significava que qualquer sinal de compaixão seria sumariamente rejeitado.

Niall desviou os olhos. Via Leslie através da janela: estava a sorrir para a Rainha do Verão e a encher de novo um copo de água. Não era uma tarefa invulgar, ou excitante, mas, ao observá-la, ficou subitamente com a garganta seca. Queria ir ter com ela, queria... fazer coisas que nem devia sonhar em fazer com mortais. Sem se dar conta, já atravessara a rua, chegara perto da janela e aí pousara a mão. O vidro frio era uma barreira frágil; bastaria fazer um pouco de pressão e parti-lo-ia, sentiria os cacos cortarem-lhe a pele, iria ter com ela e mergulharia o corpo no dela. *Eu podia deixá-la ver-me. Eu podia...*

— Niall? — a mulher-salgueiro estava de pé a seu lado, olhando através da janela. — Temos de entrar?

— Não — Niall afastou a custo os olhos de Leslie e obrigou a sua mente a concentrar-se em algo menos tentador. Há meses que a observava; não havia razão para este afluxo súbito de pensamentos irracionais. Talvez as suas defesas estivessem em baixo por ter pensado em Irial. Niall abanou a cabeça, descontente consigo mesmo.

— Vai para casa. Aislinn tem muitos guardas com ela, e eu fico a vigiar a mortal da rainha — disse.

Sem mais comentários, a mulher-salgueiro e os seus companheiros partiram e Niall voltou a atravessar a rua até ao recanto onde passara tantos turnos a vigiar Leslie no Verlainé's. Encostou-se à parede de tijolos, sentindo as saliências familiares pressionarem-lhe as costas, e observou os rostos dos mortais e das fadas que andavam pela rua. Forçou-se a pensar em quem era, naquilo que fizera antes de saber quem era Irial, antes de saber como Irial era perverso. *Tudo isto significa que eu não devo tocar em Leslie. Nunca.*

Quando Niall começou a circular entre eles, achara os mortais interessantíssimos. Estavam cheios de paixão e desespero, encaixando o máximo de alegria que podiam nas suas vidas demasiado curtas, e a maioria das fêmeas estava disposta a levantar a saia por meia dúzia de palavras gentis vindas dos lábios dele. Não devia sentir a falta da sua prontidão estonteante, nem do seu toque mortal. Já o devia saber. No entanto, por vezes, se prestasse demasiada atenção à sua própria natureza, tinha saudades.



A rapariga estava agarrada ao braço de Niall quando a fada de cabelos negros se aproximou. A rapariga desnudara-se ao entrar no bosque e tinha a pele coberta de arranhões.

— É uma criaturinha afectuosa — disse a fada.

Niall afastou-a outra vez.

— Suspeito que tenha estado a beber. Na semana passada, não era tão... — segurou-lhe na mão quando ela começou a desapertar as calças — ... agressiva.

— Não me digas! — a fada de cabelos negros riu-se. — São como animais, não são?

— Os mortais? — Niall aproximou-se mais da fada, evitando as mãos ágeis da rapariga. — No início, parecem escondê-lo muito bem... mas, depois, mudam.

A outra fada riu-se e pegou na rapariga ao colo.

— Talvez tu sejas simplesmente irresistível.

Niall endireitou as roupas, agora que a rapariga estava dominada. Ela deixou-se ficar imóvel nos braços da outra fada, olhando de um para o outro, como se tivesse perdido o discernimento.

A fada de cabelos negros observou Niall com um esgar curioso.

— Eu sou o Irial. Talvez possamos levar este exemplar para qualquer sítio menos... olhou para o caminho que levava à cidade da mortal — público. — Niall nunca vira nada tão tentador como o olhar lascivo no rosto de Irial. A mistura de sentimentos provocou-lhe um súbito acesso de terror. Depois, Irial lambeu os lábios e riu-se. — Vá lá, Niall. Acho que precisas de um pouco de companhia, não é?

Mais tarde, Niall interrogou-se porque não estranhara o facto de Irial saber o seu nome. Naquele momento, tudo o que lhe ocorrera fora que, quanto mais se aproximasse de Irial, mais perto estaria de participar num festim e de descobrir que, até então, nunca provara nada que valesse a pena. Era uma intensidade que nunca sentira — e estava a adorar cada minuto.

Nos seis anos seguintes, Irial viveu em casa de Niall durante vários meses de cada vez. Quando tinha Irial a seu lado, Niall entregava-se a prazeres debochados com mais mortais do que alguma vez supusera que fosse possível ter de uma vez só. Mas nunca era suficiente. Por muitos dias que Niall perdesse numa mancha confusa de carne submissa, nunca ficava satisfeito por muito tempo. Havia também dias igualmente estonteantes em que estavam apenas os dois, jantando manjares exóticos, bebendo vinhos estrangeiros, passeando por novos lugares, ouvindo músicas gloriosas, falando sobre tudo. Era perfeito — durante algum tempo.



*Se eu não tivesse ido ao antro dele, se não tivesse visto os mortais ali, sob o domínio de Irial...* Niall não sabia bem quem odiara mais quando se apercebera de como fora tolo.

— Há quanto tempo, *Gancanagh*<sup>6</sup> — Niall quase ficou grato por a voz de Gabriel lhe ter interrompido as recordações desagradáveis. O Canídeo estava de pé à beira do passeio, suficientemente perto do trânsito para que um condutor descuidado pudesse atingi-lo, mas suficientemente longe para não correr grande perigo. Ignorando o fluxo de automóveis, olhou para ambos os lados do passeio.

— Os homens-salgueiro já se foram embora?

— Já — Niall deitou um olhar ao antebraço da fada tenebrosa, para verificar se ali estava algo escrito de que devesse tomar conhecimento, quase na esperança de que Irial tivesse ordenado a Gabriel que fizesse alguma coisa que lhe permitisse atacá-lo.

Gabriel deu por isso. Com um sorriso perverso, virou os braços para que Niall lhes pudesse ver a parte de baixo.

— Não há mensagens para ti. Um dia destes, terei a oportunidade de te fazer uma cicatriz a condizer do outro lado da tua linda cara, mas hoje não.

— Isso dizes tu sempre, mas ele nunca te dá autorização — Niall encolheu os ombros. Não tinha a certeza se era por ser impermeável ao terror geralmente causado pela presença dos Canídeos, ou por se ter afastado de Irial, mas Gabriel desenterrava antigos ressentimentos sempre que podia — e, geralmente, Niall ignorava-o. Contudo, naquela noite, Niall não se sentia particularmente tolerante, por isso perguntou:

— Achas que o Iri gosta mais de mim do que de ti, Gabriel?

O coração de Niall bateu depressa demais várias vezes enquanto Gabriel se limitou a olhá-lo. Depois, este disse:

— Tu és o único que parece não saber a resposta a essa pergunta.

Antes que Niall pudesse responder, Gabriel atingiu-o no rosto com um murro, virou-se e afastou-se.

Piscando os olhos devido à dor súbita, Niall ficou a ver o Canídeo caminhar vagarosamente pela rua fora e apertar calmamente as mãos à volta das gargantas de duas fadas da Corte das Trevas que, pelos vistos, tinham estado por ali à espreita. Gabriel ergueu os *Ly Ergs* e estrangulou-os até ficarem inertes. Depois, atirou-os para cima do ombro e foi-se embora a uma velocidade tal que levantou pequenos diabinhos de pó à sua passagem.

A violência era habitual em Gabriel, mas a falta de ordens óbvias sobre a pele do Canídeo foi o suficiente para despertar a desconfiança de

---

<sup>6</sup> Homem fada na mitologia irlandesa, conhecido por seduzir mulheres humanas



Niall. Era inevitável que a paz parcial que resultara da morte de Beira causasse perturbações nas outras cortes. A forma como Irial lidava com isso deveria preocupar Niall apenas na medida em que precisava de proteger a sua verdadeira corte — a Corte do Verão —, mas Niall teve um momento de preocupação residual com o Rei das Trevas, uma pontada que não tinha a menor intenção de alguma vez vir a admitir em voz alta.

Leslie ficou agradavelmente surpreendida por Aislinn estar à espera dela sentada na beira do passeio, do lado de fora do restaurante, quando o seu turno acabou. Às vezes, costumavam encontrar-se depois do trabalho, mas tudo tinha mudado no último Inverno.

— Onde está... — Leslie interrompeu-se, não querendo dizer as palavras erradas — toda a gente?

— O Seth está no Crow's Nest. O Keenan está a trabalhar em qualquer coisa. Não sei onde estão a Carla e a Ri — Aislinn levantou-se e limpou as mãos às calças de ganga, como se o breve contacto com o chão as tivesse sujado. Apesar de se mostrar tão à-vontade em lugares pouco recomendáveis que faziam a maior parte das pessoas sentir-se desconfortável, Aislinn ainda tinha a mania do asseio.

Aislinn deitou um olhar a uns tipos desconhecidos que estavam do outro lado da rua. Quando desviou o olhar, um deles atirou um sorriso a Leslie e lambeu os lábios. Instintivamente, Leslie fez-lhe um gesto obsceno — e depois retesou-se, ao aperceber-se do que fizera. Sabia que não devia comportar-se assim: era mais seguro para uma rapariga ser prudente do que causar problemas. Ela não era o tipo de pessoa que fizesse gestos daqueles a qualquer um ou que falasse alto, não agora, já não.

A seu lado, Aislinn terminara a sua análise da rua. Era sempre cuidadosa, tão cuidadosa que Leslie já se interrogara várias vezes sobre o que teria Aislinn visto ou feito para ter tantas cautelas.

Aislinn perguntou:

— Vamos a pé até à fonte?

— Vai à frente — Leslie esperou que Aislinn começasse a andar e depois olhou para trás, para se certificar de que o rapaz a quem fizera o gesto não decidira atravessar a rua. Ele acenou-lhe mas não a seguiu.

— Então, conhecias aquele tipo, o desta noite? Aquele com quem estavas a conversar quando cheguei? — Aislinn enfiou as mãos no blusão de cabedal demasiado grande que tinha vestido. Tinha um blusão seu, muito bonito, mas normalmente usava o blusão coçado de Seth quando ele não estava com ela.

— Nunca o tinha visto antes — uma súbita torrente de desejo que a





assaltou ao ouvir mencionar aquele tipo estranho fez Leslie estremecer... e decidir não contar a Aislinn que ele dissera que voltaria.

— Ele era um bocado intenso — Aislinn deteve-se à espera de poderem atravessar o cruzamento mal iluminado em Edgehill.

Os faróis de um autocarro que passava cortaram a escuridão, iluminando formas que, por um momento, pareceram uma mulher com penas em lugar de cabelos e um grupo de homens musculados pintados de vermelho. Ultimamente, a imaginação de Leslie andava demasiado fértil. Há pouco, tivera a sensação desconcertante de estar a olhar através dos olhos de outra pessoa, de poder ver coisas que estavam noutra lado qualquer.

O autocarro passou, expelindo uma lufada de ar a cheirar a escape que as envolveu, e atravessaram para o parque, mais bem iluminado. Num banco, em frente da fonte, quatro tipos desconhecidos e duas raparigas igualmente desconhecidas cumprimentaram Aislinn com a cabeça. Ela ergueu a mão numa espécie de aceno mas não se aproximou deles.

— Então, ele pediu-te que te encontrasses com ele, ou alguma coisa assim, ou...

— Ash? Porque estás a perguntar isso? — Leslie sentou-se num banco vazio e descalçou-se com um gesto brusco. Por muito que se espreguiçasse ou caminhasse, servir à mesa tinha qualquer coisa que lhe fazia sempre doer os pés e as canelas. Enquanto esfregava as pernas, deitou um olhar a Aislinn. — É teu conhecido?

— Tu és minha amiga. Só fico preocupada e... ele parecia do género de causar problemas, sabes?... Do género de tipo que eu não gostaria que se aproximasse de alguém de quem gosto — Aislinn moveu-se de forma a ficar sentada de pernas cruzadas sobre o banco. — Quero que sejas feliz, Les.

— Ah, sim? — Leslie sorriu-lhe, subitamente calma apesar do turbilhão de sentimentos por que passara naquela noite. — Eu também. E vou ser.

— Portanto, aquele tipo...

— Estava só de passagem pela cidade. Era cheio de falinhas mansas, queria ser adorado enquanto pedia o jantar e provavelmente já se foi embora — Leslie pôs-se de pé e esticou-se, oscilando um pouco sobre os calcanhares. — Está tudo bem, Ash. Não te preocupes, está bem?

Então, Aislinn sorriu.

— Ótimo. Vamos andar ou ficar sentadas? Acabámos de chegar...

— Desculpa — Leslie pensou em sentar-se por uma fracção de segundo. Depois, levantou o olhar para o céu negro, que encobria a lua. Uma sensação deliciosa de presença invadiu-a. — Vamos dançar? Andar? Tanto faz.



Era como se os últimos meses de medos e preocupações estivessem a desvanecer-se. Estendeu a mão para trás e tocou a sua tatuagem. Ainda era só um contorno, mas já se sentia melhor. Acreditar em algo — e agir para corporizar essa crença num símbolo — fazia-a realmente sentir-se mais forte. *Símbolos de convicções*. Estava a tornar-se ela própria outra vez.

— Anda lá — pegou nas mãos de Aislinn e puxou-a, pondo-a de pé. Recuou até estarem a alguns passos do banco e depois girou rapidamente sobre si mesma. Sentia-se bem, livre.

— Estiveste ali sentada toda a noite, enquanto eu estava a trabalhar. Não tens desculpa nenhuma para continuares sentada. Vamos embora.


Aislinn riu-se, parecendo outra vez a sua velha amiga, para variar.

— Vamos ao bar, então?

— Até te doerem os pés — Leslie deu o braço a Aislinn. — Liga à Ri e à Carla.

Era bom ser ela mesma outra vez.

*Melhor, até.*



## CAPÍTULO 8

Leslie percorreu o corredor da Bishop O.C., de sapatos na mão, tendo o cuidado de não balançar o braço para não bater com os saltos num dos cacifos de metal pardacento. Já tinham passado três dias desde que fizera o contorno da tatuagem, mas não conseguia deixar de pensar naquela energia estonteante. Andava a ter acessos estranhos de pânico e de alegria, emoções que pareciam deslocadas, de algum modo fora de contexto, mas não eram esgotantes. Era como se estivesse a partilhar a disposição de outra pessoa. *Estranho, mas bom.* E sentia-se mais forte, mais calma, mais poderosa. Tinha a certeza de que era apenas uma ilusão, um resultado da sua nova confiança, mas, mesmo assim, estava a gostar.

A parte de que não gostava era a quantidade de lutas em que parecia reparar — ou o facto de essas lutas não a assustarem. Em vez disso, deu por si a sonhar acordada com o cliente do Verlaine's. O nome dele era quase evidente quando pensava nele, mas ele nunca lho dissera. *Porque saberei...?* Afastou aquela pergunta da mente e apressou-se na direcção da porta aberta da arrecadação.

Rianne chamava-a com gestos impacientes.



— Vá lá, Les.

Assim que Leslie entrou na arrecadação, Rianne fechou a porta com um *clic* quase inaudível.

Leslie olhou à sua volta, à procura de um sítio onde se sentar. Decidiu-se por uma pilha de colchões de ginástica.

— Onde estão a Carla e a Ash?

Rianne encolheu os ombros.

— Ocupadas a serem responsáveis?

Leslie tinha a impressão de que devia estar a fazer o mesmo, mas, nessa manhã, quando Rianne a vira no corredor, desenhara-lhe com os lábios a palavra «arrecadação». Apesar de ser um bocado doida, Rianne era uma boa amiga, por isso Leslie faltara ao primeiro tempo.

— O que se passa?

— A Mãe encontrou o meu esconderijo — os olhos carregados de maquilhagem de Rianne encheram-se de lágrimas. — Pensei que ela não ia a casa naquela altura, e...

— Ficou muito zangada?

— Lívida. Tenho de voltar ao tal orientador. E... — Rianne desviou o olhar. — Desculpa.

Leslie sentiu um peso oprimir-lhe o peito ao perguntar:

— Porquê?

— Ela pensa que é do Ren. Que foi ele que ma arranjou, por isso não posso... não podes ligar-me nem visitar-me durante algum tempo. É que... eu não sabia o que havia de dizer. Tive uma *branca* — Rianne pegou na mão de Leslie. — Eu vou dizer-lhe. É que... ela é mesmo...

— Deixa lá — Leslie apercebeu-se de que falara numa voz dura, mas, na verdade, isso não a surpreendeu. Rianne nunca fora boa em confrontos. — Não era dele, pois não? Sabes bem que deves manter-te afastada do Ren.

— Pois sei — Rianne corou.

Leslie abanou a cabeça.

— É um sacana.

— Leslie!

— Chiu. É a verdade. Não estou zangada contigo por a deixares pensar o que ela quiser. Mas fica longe do Ren e do grupo dele — Leslie sentia-se enjoada só de pensar na sua amiga sob a influência de Ren.

— Não estás zangada comigo? — a voz de Rianne tremeu.

— Não — isso espantava Leslie, mas era verdade. A lógica dizia-lhe que tinha motivos para estar zangada, mas sentia-se quase em paz. Havia uma ponta de raiva, como se estivesse quase a zangar-se mas não fosse



capaz de chegar lá. Nos últimos três dias, todas as emoções lhe fugiam antes de se tornarem intensas.

Ocorreu-lhe a ideia irracional de que as suas emoções se estabilizariam assim que acabasse a tatuagem — ou talvez fosse só a sua ânsia por fazê-lo, por aquela sensação de ter os ossos a derreterem-se que tomava conta dela quando as agulhas lhe tocavam na pele. Obrigou-se a afastar aquele pensamento e concentrou-se em Rianne.

— A culpa não é tua, Ri.

— É, sim.

— Está bem, é, mas não estou zangada — Leslie deu um abraço rápido a Rianne e depois afastou-se para a fitar. — Mas *vou* ficar, se te aproximares do Ren. Ultimamente, ele tem andado com uns tipos que não interessam a ninguém.

— Então, como podes tu estar segura?

Leslie ignorou a pergunta e levantou-se. De repente, precisava de ar, precisava de estar noutra sítio qualquer. Deitou a Rianne o sorriso mais convincente que conseguiu e disse:

— Tenho de ir.

— Está bem. Vemo-nos no quarto tempo — Rianne voltou a arrumar os colchões numa pilha quase direita.

— Não. Vou sair.

Rianne deteve-se.

— Tu és louca.

— Não. A sério, só estou... — Leslie abanou a cabeça, sem saber bem se conseguiria explicar ou se *quereria* explicar os estranhos sentimentos que a dominavam. — Quero andar. Sair. Eu só... não tenho a certeza.

— Queres companhia? Eu podia baldar-me contigo — Rianne fez um sorriso demasiado rasgado. — Posso ir ter com a Ash e a Carla e encontramos-nos no...

— Hoje não — Leslie estava cada vez mais desejosa de correr, vaguear, sair dali.

Os olhos de Rianne encheram-se outra vez de lágrimas.

Leslie suspirou.

— Querida, não tem nada a ver contigo. Só preciso de apanhar ar. Devo estar a trabalhar demais, ou qualquer coisa assim.

— Queres falar? Eu posso ouvir-te — Rianne limpou os riscos de rímel que lhe sulcavam a face, esborratando-os ainda mais.

— Fica quieta — com a ponta da manga, Leslie limpou-lhe as manchas pretas do rosto e disse: — Só preciso de correr para ficar melhor. Arejar a cabeça. Pensar no Ren... preocupa-me.



— Preocupas-te com o Ren? Eu podia falar com ele. Talvez o teu pai...

— Não. Estou a falar a sério: o Ren mudou. Fica longe dele — Leslie forçou-se a sorrir para amenizar as suas palavras. A conversa estava a aproximar-se demais de temas que ela preferia evitar. — Vemo-nos mais tarde ou amanhã, está bem?

Parecendo tudo menos satisfeita, Rianne assentiu com a cabeça, e esgueiraram-se para o corredor.

Depois de Leslie sair da Bishop O.C., não sabia bem para onde ia, até dar consigo junto à bilheteira da estação de comboios.

— Preciso de um bilhete para Pittsburg, num comboio que saia já.

O homem por detrás do guichet murmurou qualquer coisa ininteligível quando ela lhe estendeu o dinheiro. *Dinheiro para emergências. Dinheiro para as contas.* Geralmente, hesitava em gastar o seu dinheiro numa viagem de poucas horas para ver um museu, mas, naquele momento, precisava de estar num lugar belo, de ver algo que fizesse o mundo parecer outra vez um sítio aprazível.

Atrás dela, vários tipos começaram a empurrar-se uns aos outros. Aos poucos, as pessoas à volta deles juntaram-se à confusão, aos encontros.

— Menina, tem de sair daí — o homem deitou um olhar para trás dela ao dar-lhe o bilhete.

Leslie fez que sim com a cabeça e afastou-se do tumulto. Por um breve momento, pareceu-lhe que uma onda de sombras a submergia, passando *através* dela. Tropeçou. *É só medo.* Tentou acreditar nisso, dizer a si mesma que tivera medo, mas não era verdade.

A viagem para Pittsburg e a caminhada através da cidade formaram, na sua mente, um borrão indistinto. Reparou em coisas estranhas. Vários casais — ou pessoas estranhas umas às outras, como pareciam indicar, num dos casos, os estilos totalmente discrepantes das roupas que vestiam — envolviam-se em atitudes embaraçosamente íntimas no comboio. Um belo rapaz, com os braços cobertos de tatuagens, deixou cair uma mão-cheia de folhas ou pedaços de papel ao passar por ela, mas, por um momento bizarro, Leslie pensou que eram as tatuagens a descolar-se-lhe da pele para esvoaçarem na brisa. Foi surreal. Por um instante, Leslie admirou-se com a estranheza de tudo aquilo, mas a sua mente recusou-se a manter-se concentrada naquela ideia. Parecia-lhe *errado* questionar as coisas estranhas que via e sentia. Quando tentava, uma pressão dentro da sua pele obrigava-a a pensar noutra coisa, em *qualquer* outra coisa.

Depois, entrou no Carnegie Museum of Art, e tudo pareceu estar



certo. A estranheza e as questões desvaneceram-se. O próprio mundo se desvaneceu enquanto Leslie deambulava sem destino certo, por entre as colunas, sobre o chão macio, subindo e descendo escadas. *Inspira. Absorve este ambiente.*

Por fim, a sua necessidade de correr abandonou-a por completo e Leslie abrandou o passo. Deixou os olhos passearem-se-lhe pelos quadros até chegar a um que a fez deter-se. Ficou parada, em silêncio, em frente dele. *Van Gogh. Van Gogh é bom.*

Uma mulher mais velha atravessou a galeria. Os sapatos dela resoavam a um ritmo constante à medida que avançava, decididamente mas sem pressas. Vários estudantes de arte estavam sentados com os seus cadernos abertos, alheios a tudo o que os cercava, absortos na beleza daquilo que viam nas paredes da galeria. Para Leslie, estar no museu fora sempre como estar numa igreja, como se o próprio ar tivesse algo de sagrado. Naquele dia, era precisamente dessa sensação que precisava.

Leslie estava de pé em frente do quadro, olhando fixamente os campos verdejantes que se alongavam pela tela, limpos e belos e abertos. *Paz.* Era essa a sensação que o quadro transmitia, um pouco de paz imobilizada no espaço.

— Calmante, não é?

Leslie virou-se, surpreendida por alguém conseguir aproximar-se dela tão facilmente. A sua hipervigilância habitual não funcionara. Niall estava a seu lado, olhando o quadro. Trazia a fralda da camisa de fora, pendendo à volta da cintura de umas calças de ganga largas; tinha as mangas arregaçadas, proporcionando-lhe um vislumbre de antebraços bronzeados.

— O que fazes *tu* aqui? — perguntou ela.

— Estou a ver-te, segundo parece — Niall deitou um olhar para trás de si, onde uma rapariga flexível com trepadeiras pintadas na pele estava parada, olhando-os. — Não é que me esteja a queixar, mas não devias estar nas aulas com a Aislinn?

Leslie olhou para a rapariga coberta de trepadeiras, que continuava a observá-los abertamente, e interrogou-se se seria uma montagem artística viva. Mas, depois, percebeu que devia ter sido um efeito da iluminação escassa ou das sombras: a rapariga não tinha nada pintado sobre a pele. Leslie abanou a cabeça e disse a Niall:

— Precisava de apanhar ar. De arte. De espaço.

— E eu estou a ocupar esse espaço? — perguntou ele, dando um passo atrás. — Resolvi vir dizer olá, porque parece que nunca conseguimos



falar... não que devêssemos, claro. Podes ir-te embora. Eu posso ir-me embora, se tiveres coisas...

— Queres acompanhar-me? — Leslie não desviou o olhar, apesar da expressão demasiado satisfeita que se espelhou no rosto dele. Em vez de ficar nervosa, sentiu-se surpreendentemente ousada.

Ele pediu-lhe, com um gesto, que indicasse o caminho, agindo de uma forma mais cavalheiresca do que Leslie considerava normal. Niall não estava propriamente rígido, mas parecia tenso, ao olhar à volta da galeria.

Depois, voltou a olhar para ela. Não falou, mas havia uma tensão estranha no modo como se mantinha afastado dela. Niall levantou e baixou a mão direita, como se não soubesse o que fazer com ela. Os dedos da sua mão esquerda estavam cerrados num punho; tinha o braço imóvel, apertado contra o corpo.

Leslie pousou-lhe uma mão no braço e disse-lhe:

— Estares contente por estares aqui, em vez de estares com o Keenan, para variar.

Niall não disse nada, não respondeu. Em vez disso, desviou o olhar.

*Ele está com medo.*

Inexplicavelmente, Leslie pensou no estranho cliente do Verlaine's e quase conseguiu imaginá-lo a suspirar, ao mesmo tempo que inalava o medo de Niall.

*Inalava o medo?*

Abanou a cabeça e tentou lembrar-se de alguma coisa, qualquer coisa, para dizer a Niall — e para evitar pensar no facto de que o medo dele era um pouco excitante. Limitou-se a ficar ali, ao lado dele, deixando o silêncio avolumar-se, até se tornar desconfortavelmente óbvio. Parecia que os outros visitantes do museu estavam a olhá-los fixamente, mas, sempre que deitava uma olhadela na direcção deles, a sua visão deslocava-se para os contornos, como se tivesse um filtro nos olhos que distorcia aquilo que via. Olhou para o quadro, vendo apenas cores e formas indistintas.

— Alguma vez pensaste se aquilo que vês é a mesma coisa que os outros todos vêem?

Niall ficou ainda mais imóvel a seu lado.

— Às vezes, tenho a certeza de que não é a mesma coisa... mas isso não é assim tão mau, pois não? Ver o mundo de maneira diferente?

— Talvez não seja — Leslie deitou-lhe um olhar, à sua postura nervosa, e quis chegar até ele — não tinha bem a certeza se para o assustar ou para o acalmar.

— A visão criativa gera arte — Niall fez um gesto abarcando a gale-





ria –, que mostra uma nova perspectiva ao resto do mundo. Isso é uma coisa maravilhosa.

— Ou uma espécie de loucura — comentou ela. Queria dizer a alguém que não estava a ver as coisas como devia, que não estava a senti-las como devia. Queria pedir a alguém que lhe explicasse se não estava a enlouquecer, mas estava muito longe de se sentir à-vontade para pedir conforto a um estranho — mesmo tendo os sentimentos alterados.

Cruzou os braços sobre o peito e afastou-se, tendo o cuidado de não olhar as pessoas que a observavam, ou que observavam Niall, que vinha a segui-la com uma expressão de dor estampada no rosto. Nos últimos dias, parecia-lhe que as pessoas se comportavam de forma estranha — ou talvez estivesse apenas a começar a prestar atenção ao mundo outra vez. Talvez estivesse a despertar da depressão que andava a combater. Queria acreditar nisso, mas tinha a impressão de estar a mentir a si mesma: o mundo à sua volta estava a funcionar mal, e ela não tinha a certeza absoluta de querer saber porquê.